

P

12

b

UMA ESPERTEZA

(PROTESTO)

OBRAS DO AUCTOR

POESIA :

Cantos do Fim do Seculo, Rio de Janeiro, 1878.

Ultimos Harpejos, Porto Alegre, 1883.

CRITICA :

Ethnologia Selvagem, Recife, 1875.

A Philosophia no Brazil, Porto-Alegre, 1878

A Litteratura Brasileira e a Critica Moderna,
Rio, 1880.

**Interpretação Philosophica dos Factos Histori-
cos**, Rio, 1880.

**Introdução á Historia da Litteratura Brazi-
leira**, Rio, 1882.

O Naturalismo em Litteratura. S. Paulo, 1882.

Estudos de Critica Parlamentar, Rio, 1883.

Cantos Populares do Brazil, Lisboa, 1883.

Contos Populares do Brazil, Lisboa, 1886.

Estudos de Litteratura Contemporanea, Rio 1886.

Uma Esperteza, Rio, 1887.

Historia da Litteratura Brasileira. (*a sahir*)

Estudos sobre a Poesia Popular do Brazil. (*a sahir*)

UMA ESPERTEZA

Os Cantos e Contos Populares do Brazil e o
Sr. Theophilo Braga

Protesto

POR

SYLVIO ROMÉRO



RIO DE JANEIRO

TYP. DA—ESCOLA—DE SERAFIM JOSÉ ALVES

83 Rua Sete de Setembro 83

1887



Os Cantos e Contos Populares do Brazil e o Sr.
Theophilo Braga.

I

Os preliminares da questão.



DIVERSOS amigos meus, conhecedores de
minhas ideias sobre a litteratura portu-
gueza e seus actuaes representantes, e especial-
mente conhecedores dos juizos não muito lison-
geiros tantas vezes por mim publicados á conta
do Sr. Theophilo Braga, ficaram sorprendidos
quando este professor appareceu encarregado

da publicação dos *Materiaes para a historia da litteratura brazileira*. Mais de uma vez fui por elles interpellado sobre um facto que julgavam injustificavel.

Devo ao meu paiz a explicação do occorrido, e d'este dever venho agora desobrigar-mø, tanto mais desassombradamente, quanto o Sr. Theophilo Braga, por abuso de confiança, cortou de uma vez os fios tenuissimos que um momento nos ligaram.

Eis como as cousas se deram :

Em março de 1882 surpreendeu-me o Sr. Carrilho Videira, livreiro editor em Lisboa, enviando-me as *Vibrações do Seculo* do Sr. Teixeira Bastos e fazendo-me o indispensavel pedido de um artigo appreciativo da obra.

Agradei o livro, e, quanto ao artigo, releguei-o para occasião opportuna...

Mais tarde chegou-me carta do mesmo li-

vreiro, acompanhada das *Civilisações Semitas* do Sr. Theophilo Braga e o competente peditorio de um juizo. D'esta vez assaltava-me larga insinuação para que reformasse minhas apreciações *injustas* sobre aquelle *incansavel trabalhador, notavel, erudito.... et le reste*. Contestei, ponderando ser-me difficil fazer trabalho serio e profundo sobre escriptor que havia multiplicado livros e mais livros, e mais livros ainda em poesia, historia litteraria, philosophia, politica, tradições populares, historia universal, etc. etc.

Seria uma cousa espinhosa e até enfadonha, e, por isso, a adiava para melhores tempos.....

Mais tarde ainda, novas cartas, e d'esta feita, alem da costumada de Carrilho, uma do Sr. Theophilo Braga. Pediam-me ambos para lhes enviar, afim de serem por elles editados, os trabalhos sobre a litteratura popular do Brazil que, em uma das notas da *Introducção á his-*

toria da litteratura brazileira, eu dizia possuir.

Tal parecia a gentileza da offerta, por tal modo desinteressados se mostravam os dois cavalheiros, que eu cahi no laço.

Desde então, e especialmente de certo tempo em diante, não descancei mais. O Sr. Carrilho não me deixava socegar. Ora era um pedido de indicação de livreiros com quem elle se pudesse relacionar; logo era a supplica de enumeração de escriptores com os quaes se pudesse corresponder. Agora era o pedinçamento de artigos para uma Revista; mais tarde eram solicitações para dar parecer sobre as desengonçadas *Miragens Seculares* do confuso Braga. (1) Já eram caixões de livros a despachar

(1) Estas *Miragens Seculares* appareceram ao mesmo tempo que os *Contos Tradicionaes do Povo Portuguez*. Em vez de artigo que não poderia deixar de ser desfavoravel áquelle montão de *poesia prosaica*, com a tola pretensão á *poesia scientifica*, por *politesse françai*s emandeí dizer a Carrilho que muito estimava ter o seu amigo, o letrado dos Açores, completado o seu mo-

e aqui collocar, segundo a phrase do livreiro de Lisboa, que bem queria dizer—*aqui vendel-os a todo custo e enviar-lhe antecipadamente o dinheiro* ; depois eram *Revistas* a entregar e bilhetes para proceder á cobrança de assignaturas....

O diabo !....

E todavia nada d'isto me fez recuar espavorido ; pelo contrario ia-me prestando ás exigencias, crente como estava, no desinteresse do meu correspondente europeu.

O verdadeiro desespero começou quando o homem entendeu dever affligir-nos, a mim e a um amigo que elle tomou por negociante e a quem tangeu os *caixões de livros para os collocar...*

numento de poeta, o seu *monumento* de folk-lorista, e o seu *monumento* do historiador litterario, sendo elle, portanto, um trabalhador ás *direitas...*

Em balde se lhe advertia estarem os livros á venda na casa Faro & Lino, e com diminuta extracção. A nada se demovia o homem, e começou a enviar-me missivas tonitruosas!

Não foi mais possível supportar o temivel livreiro; era uma caceteação damninha...

Durou este desespero em marcha ascendente perto de tres annos. N'este intervallo sahiram dos prélos os *Cantos populares do Brazil*. Logo ahi o outro, o Sr. Braga, havia entendido de se offerecer para lhes ajuntar *prologo e notas*, cousas de que me não fallaram nas cartas em que pediram o manuscripto. Accedi, contra meus habitos, para não parecer vaidoso.

O livro, que deveria constar de um só volume, decretou-se lá que seria dividido em dois.

Para isto lhe metteram ali uma tal *Decima grande do Firmamento*, que nada tem de popular; repetiram no 2º vol. porção de *quadrinhas*,

e... o Sr. Braga puchou pelas imperturbaveis *notas*. Um escriptor do Porto, o Sr. Leite de Vasconcellos, deu pela cousa e veio sobre mim. Os meus dois amigos metteram-se na moita... Respondi em carta a Leite de Vasconcellos, nar-rando-lhe a verdade dos factos sobre as repeti-ções e mais dissonancias por elle encontradas.

Por ultimo, sahiram, ha mais de dois an-nos, os *Contos populares do Brazil*, commettendo Braga sem avisar-me, e com o mais escandaloso abuso de confiança, os seguintes delictos:

1.º cortar um trecho da *Advertencia preliminar* do livro em que dava eu conta da divisão d'este;

2.º apoderar-se d'essa divisão ethno-graphica dos contos brazileiros e dal-a como producção original sua;

3.º para fingir trabalho proprio —

passar os contos tupis, enviados por mim, para a secção dos contos africanos;

4.º incluir no livro, fingindo que eu os desconhecia, os *Contos tupis* do Dr. Couto de Magalhães;

5.º escrever um prologo disparatado, inçado de erros trapentos, em opposição absoluta aos meus proprios *Estudos sobre a poesia popular brasileira*, que são o manancial onde o compilador açoriano foi beber o poucachinho que sabe sobre litteratura popular d'esta parte da America.

A' vista de tamanha audacia resolvi protestar contra o Sr. Braga, pondo-lhe os disparates ao vento.

Será isto um pouco rude, não duvido, mas ha uma cousa que não se póde exigir de mim, e vem a ser--continuar a tratar bem a um sujeito

qualquer que tenha abusado de minha confiança e sido pegado em flagrante delicto de charlataneria litteraria.

E' o caso do Sr. Braga, e o presente opusculo vai mostra-lo irrecusavelmente.

Já protestei ante elle proprio em carta ⁽¹⁾ Agora fallo para o meu paiz e o faço provocado por uma revista hespanhola de Sevilha—*Boletín Folklórico Español*, que não sabendo dos factos, bateu palmas ás escamoteações do professor açoriano. Mais profundo criterio mostrou o *Polybiblion* de Paris, que, sem estar avisado, censurou acremente ao Sr. Joaquim Theophilo a pessima introdução aos *Contos populares*, e a mim a inclusão de lendas tupis entre as africanas, pagando eu por um delicto commettido pelo escriptor de Lisboa !... O motivo de des-

(1) Só duas vezes escrevi ao Sr. Theophilo Braga :—a 1.^a quando respondi-lhe a carta em que me pediu os *Contos e Contos* para publicar ;—a 2.^a quando protestei contra as alterações que praticou em meus manuscritos.—

accordo entre mim e o Sr. Theophilo Braga tem, pois, a sua origem principal nos *Cantos populares do Brazil*.

Sobre os *Cantos* não tenho observação alguma a fazer-lhe, além da que está consignada nas paginas precedentes.

E' sobre a primeira d'estas obras que versará nosso debate ; as irregularidades n'ella realisadas constituem o assumpto d'este protesto.

Fazem dois annos que appareceram os *Cantos populares do Brazil* e quatro que foram publicados os *Cantos*. Deixei generosamente passar esse tempo sem protesto para não perturbar o editor na venda indispensavel a cobrir as despezas da impressão.

Agora chegou-me a vez de reclamar.

II

As alterações do Sr. Braga.

COMECEMOS pela questão de facto, as alterações praticadas pelo Sr. Theophilo Braga no meu manuscrito. Depois apreciaremos os erros por elle accumulados no estudo que precede o livro. Quem lê as paginas alli estampadas pelo escriptor portuguez, é induzido a suppôr que os *Contos populares do Brazil* foram para Lisboa baralhados, confusos, sem um plano, sem uma disposição scientifica.

E' levado tambem a crer que nem um só conto de procedencia indigena n'elles se nos deparava. Ambas as supposições são falsas e procedem de engenhosa artimanha do Sr. Braga, praticada na intenção de glorificar-se.

Para fazer crer que o trabalho de disposição lhe pertence, escreveu isto: «Foi sob este aspecto que ligamos uma singular importancia aos *Contos populares do Brazil*, coordenando-os (*sic*) *ethnologicamente*, de preferencia a qualquer disposição esthetica. » (P. IX).

O desarranjo iguala-n'este ponto a pabulagem do escriptor. Sabe todo o Brazil que ha quasi vinte annos applico-me ao estudo critico da litteratura nacional, manejando como base fundamental de minha analyse o criterio ethnographico. Si me tiram isto, o meu trabalho reduz-se á metade de seu valor.

E o Sr. Braga não trepidou em fazel-o, tanto

mais malevolamente, quanto vinha com pés macios e zumbais de camarada....

Tão seguro estava de sua impunidade que accrescentou as seguintes linhas ás precedentes: «No presente livro não foi attendida a classificação *psychologica* dos Contos, não só porque a colheita é ainda diminuta, como por ser do maior interesse em uma nacionalidade incipiente, como a brasileira, determinar na sua unificação moral os *elementos ethnicos que a estão constituindo.*» (P. XIX).

O Sr. Theophilo parece ter acampado em terreno proprio e estar a repellir as classificações *estheticas e psychologicas* que eu impingira aos pobres *contos brasileiros...* Elle sim; elle levou ordem áquelle cahos e descobriu a disposição *ethnologica* !!.

Para assegurar o leitor, tem a cautela de nem uma só vez citar nas XXXVI paginas de sua

Introducção — os *Estudos sobre a poesia e os contos populares do Brazil* d'este seu criado e obrigado, estudos que lhe foram remettidos e que fazem parte da serie dos *Materiaes para a nossa historia litteraria*.

Nisto mostrou esperteza; porque ali achase bem evidente a sua condemnação.

Emquanto, porém, não altera tambem esse livro, pondo-o de *harmonia* com o *prefacio* que houve por bem affixar aos *Contos*, recorramos á *Revista Brasileira*, antiga publicação aqui existente, e salvemo-nos em tempo.

No tomo 6.º d'esta collecção á pag. 108 começa o capitulo 7.º de meus *Estudos sobre a poesia popular do Brazil*. O capitulo tem por titulo: *Origens de nossa poesia e contos populares: portuguezes, indios, africanos e mestiços*,

Ali vem indicada positivamente a classificação ethnographica dos *contos* anonymos bra-

ileiros. E são transcriptos especimens das quatro procedencias. A pag. 119 lê-se: «Passemos os contos e lendas : ahi é directa a acção *das res raças*, e a influencia do *mestiço* ainda muito insignificante, a não ser como agente transformador. Temos *contos* de origem *portuguesa* (aryana), *tupi* (pretendida turana), *africana* (raças inferiores) e *mestiça* (formação recente)».

Si não é esta a classificação pelos elementos ethnicos, não sei onde o Sr. Braga a foi buscar...

Obedecendo a este criterio, organizei o manuscripto dos *Contos* em quatro series, e assim enviei-o para Lisboa. O Sr. Joaquim Theophilo gostou da cousa, e tomou-a para si.

Para fazer crêr que era realmente invenção propria, fingiu que lhe não havia eu enviado contos de origem tupi e buscou preen-

cher a phantasiada lacuna á custa do Dr. Couto de Magalhães! Veremos isto um pouquinho adiante.

Por agora pucho-o pela aba da casaca e obrigo-o a ler ante o publico as paginas do citado tomo da *Revista Brasileira* que vão de 120 a 162. Braga toma do livro e entra a ler varias amostras de contos colligidos entre as populações ruraes do Brazil.

No meio dos de origem *portugueza* topa elle com o *Bicho Manjaleo*. Depois esbarra em quatroze de procedencia *indigena*, a saber: *Kágado e a Festa no Céu*, *Kágado e a Fruta*, *Kágado e o Teyú*, *Kágado e o Jacaré*, *Kágado e a Fonte*, *Onça e o Bode*, *Onça, o Veado e o Macaco*, *Macaco e a Cotia*, *Urubú e o Sapo*, *Amiga Rapoza e Amigo Corvo*, *Amiga Folhagem*, *Rapoza e Tucano*, *Macaco e a Cabaça*, *Macaco e o Coelho*. Não menos de quatroze contadinhos. Sr. Braga, verifique.

Após a transcrição dos contos tupis, escrevi eu: « Alguns d'estes contos, como o da *Rapoza e o Tucano*, *Amiga Rapoza e Amigo Corvo*, *Urubú e o Sapo*, têm analogos em Portugal e se prendem pela mór parte ao cyclo europêo do *Rénard*. E' incontestavel, porém, que os nossos *indigenas*, alem dos grandes cyclos de contos do *Jaboty* (kágado) e da *Onça*, tinham tambem muitos contos da *Rapoza*, ou *Micura*».

Volvendo a pagina o Sr. Braga encontrará o *Macaco e o Moleque de Cêra*, e o *Macaco e o Rabo*, contos de proveniencia *africana*. Estão, pois, esgotadas na *Revista* as tres grandes fontes ethnicas do Brazil.

E como vem o pretencioso alfarrabista dizer que *distribuiu os contos d'esta incipiente nacionalidade pelos seus elementos ethnographicos*? Já sabia que em assumpto de desati-

nos litterarios e scientificos o sabichão açoriano era corajoso ; mas ninguem suppunha que o fosse tanto.

Dados os contos e lendas das tres grandes origens, passei na *Revista*, e tambem no manuscrito que foi para Lisboa, a exhibir os de formação mais recente, os modelados pelos *mestiços* sobre temas fornecidos pelas raças mães.

«No terreno dos contos, escrevi, cremos que o mestiço não tem ficado de todo inactivo e os que publicamos em seguida *parecem* ser já de lavra sua, moldados é certo sobre *elementos* fornecidos pelas tres fontes principaes de nossas lendas e mythos. O penultimo d'elles, a *Mãe d'Agua*, parece-nos por um lado ser tupi, e, por outro, já de formação posterior e mestiça sobre elementos tucicos e aryanos.» (Pag. 145). Seguem os contos a *Onça e o Boi*,

a *Onça e o Gato*, a *Combuca de ouro e os Mari-
bondos*, a *Mãe d'Água*, e o *Preguiçoso*.

Que fez n'este ponto o Sr. Th. Braga, desfigurando uma producção brasileira, uma obra nacional, o esforço de um trabalhador de quem se disse amigo? Plagiou o que lhe convinha e o resto falsificou.

Pegou dos contos *tupis e mestiços* e atirou-os para a secção africana! Dá-se assim no livro, desmantelado por elle sem o mais leve criterio scientifico, o disparate de termos contos com *duas origens*, contos que figuram *duas vezes* como de *proveniencias diversas*!... E' o caso do conto *A Onça e o Bode* que figura á pag. 149 como *africano* e á pag. 184 como *tupi* sob o nome de *O Veado e a Onça*.

- A verdade, como demonstra-se na *Revista Brasileira*, é que este conto é puramente tupi, dando-se apenas, em sua adaptação ao actual

meio brasileiro, em Sergipe onde foi elle colligido, a mudança operada pelo povo nos animaes da lenda : o *Bode* occupa o logar do *Veado*.

Couto de Magalhães entre os indios independentes achou o original tupi. Braga preferiu um jogo de dislates atirando o conto para a Africa, prejudicando a mim que o collegi em Sergipe e a Couto que encontrou-o lá entre a caboclada dos sertões do Araguaya...

Na *Revista* havia eu dito : « O conto de origem indiana, *A Onça* e o *Bode*, é o mesmo publicado sob o n. XII no *Selvagem*. O nosso povo, como já dissemos, substituiu o *veado* pelo *bode* e fez outras pequenas alterações.» (Pag. 150.)

E' producto puramente indigena e entre os desta origem achava-se elle no manuscrito. O paspalhão portuguez preferiu estultamente, pondo a descoberto a sua incompetencia, jogal-o

entre os africanos... E não parou ahí. O conto da *Mãe d'Agua*, que tínhamos incluído entre os *mestiços* e sobre o qual havíamos dito—«parece-nos por um lado *tupi* e por outro já de formação posterior e mestiça sobre elementos *tupicos* e *aryanos*»—mereceu as seguintes linhas de Braga: «este conto, com um evidente caracter mythico, é um pouco analogo ao de Proserpina; *contudo parece-nos uma transição das tradições indigenas no seu syncretismo com o elemento europeu.*»

Este pedacinho é symptomatico da velha matreirice de Theophilo. O façanhudo erudito plagiou descaradamente a minha observação sobre o conto. Nisto vai a sua habilidade; não passa, em verdade e justiça, de um compilador banal e trapalhão.

Mostra, porém, uma esperteza de salão desequilibrado quando procura illudir aos lei-

tores. Para fingir trabalho proprio acabou com a quarta seccão dos contos, os de formação recente sobre themas anteriores, e atirou a *Mãe d'Agua* para a seccão portugueza. São dous proveitos n'um sacco. Volta-se para o publico e diz em sua linguagem cabinda: «Meus senhores, este conto parece-me uma *transição das tradições indigenas com o elemento europeu* ! »

Volta-se depois para mim e brada-me em sua geringonça açoriana :— «Sr. Teuto-sergi-pano, o Sr. fez mal em julgar este conto uma fabricação das populações brasileiras *em parte com tradições indigenas e em parte com elementos europêus* ; o conto é portuguez e eu, cá o Theophilo, o grande *savant da peninsula*, vou collocar-o em seu verdadeiro logar ! »

E com semelhantes tramoias, semelhantes maroteiras tem este homem engazopado não pequena parte da lusitana e da brazileira gente... Com tão desnaturado systema tem arranjado

aquella rúma, aquelle montão de desconjuntados livrecos illegiveis !

Provado que o professor de Lisboa apoderou-se da divisão ethnographica dos *Contos Brasileiros*, e, ao mesmo tempo, mudou estolidamente contos de uma secção para outra, não ficam esgotadas as gaiatices de Braga. Considerou êrma a secção indigena, agarrou o *Selvagem* de Couto de Magalhães e embeveceu-se ainda uma vez em sua faina de malogrado copista. N'este ponto é tão mesquinha a sua figura diante de sua propria inconsciencia, que faz pena conter o papa dos charlatães. Coitado ! Sobre indios do Brazil sabe mal o que vê no livro de Magalhães e cuida ter com tão mesquinhos elementos descoberto os habitantes de Marte !

Qualquer pessoa dotada de simples bom senso que colligir contos populares no Brazil,

tendo-se dado antecedentemente ao estudo, por limitado que seja, das fontes, ha de fazer natural e espontaneamente a distincção entre os contos europêus que *passaram* ás nossas populações e os contos que *não passaram*; ha-de fazel-a tambem entre os contos africanos que *foram incorporados* á nossa novellistica e os que *o não foram*; ha-de fazel-a, finalmente, entre os contos tupis que *foram assimilados* e os que *o não foram*.

Isto é elementarissimo. E tem quatro vantagens: 1.ª obrigar o collecter a entender-se directamente com as populações nacionaes; 2.ª cortar as chances ao charlatanismo que pegasse em collecções portuguezas, africanas e tupis e copiasse-as, impingindo a copia como trabalho novo; 3.ª distinguir o *brazileiro propriamente dicto* das origens que o formaram; 4.ª fornecer um criterio positivo para aquila-

tar-se o que o povo actual adoptou e o que elle repelliu.

Obedecendo a estas ideias, escrevi na *Advertencia* que antecede o volume : «Resolvemos não incluir aqui os contos tupis que *não passaram ás populações actuaes do imperio*. Consideramos o *indio puro* como extranho á nossa vida presente. O mesmo pensamos a respeito do *negro da costa*. O portuguez, o *emboaba*, o *reinol*, está nas mesmissimas condições.

O brasileiro é o resultado das tres almas que se reuniram, e por isso só colhemos os contos que nas villas e fazendas do interior correm de bocca em bocca.»

Este pensar defende-se por si mesmo ; é a expressão dos factos, é o reconhecimento dos elementos ethnicos que entraram em via de transformação para constituir o povo brasileiro .

Nada me seria mais facil do que proceder por modo diverso.

Sem sahir de casa, sem arredar os pés do pequeno gabinete onde estou a escrever estas linhas, eu arranjaría, imitando Braga, a collecção dos contos populares do Brazil.

A receita era facil. Nada mais seria necessario do que pegar a collecção de *Contos* de Adolpho Coelho e dizer: no Brazil os portuguezes muito influiram, aqui estão os contos d'aquelle estimavel povo, venham para cá, e zás... *copial-os...* Mas os indios tambem muito influiram, aqui estão as lendas colhidas pelo brigadeiro Couto do Magalhães, e zás...*copial-as...*

Finalmente, os negros tambem não ficaram inactivos, ahi anda o Bleeck e zás...*copial-o...*

Seria commodo e não seria serio. Assim não o entendeu o Sr. Theophilo Braga; abriu uma excepção para os selvagens, escrevendo isto: «modi-

ficamos n'este ponto o plano do collector, *completando a representação dos elementos ethnicos do Brazil com o que actualmente se conhece (sic) de tradições dos indigenas.*»

Aquelle *completando* e aquelle *actualmente se conhece* são de força..... Braga não pôde ainda comprehender o que nós aqui chamamos os *indios independentes*, os selvagens incommunicaveis acantoados no *Far-West* brasileiro.

Braga não pôde ainda comprehender que o povo brasileiro não falla guarany e que muito ha a distinguir entre contos *tupis* esquecidos e contos *tupis* lembrados, entre os que foram assimilados e os que não foram jamais.

Mando-lhe d'aqui um livro para elle compilar, si entre as *populações brasileiras* encontrar um só individuo que saiba e algum dia tivesse ouvido o *Como a noite appareceu*.

Entretanto, quasi todos os contos do cyclo

do *jaboty* são conhecidos; porque foram adaptados. Eis a grande differença; eis o motivo porque foi um desacerto pavoroso a passagem para a secção africana dos contos *tupis* por mim enviados. E si o plano do professor de Lisboa era fazer *obra completa*, porque então não fez para os portuguezes e africanos o que praticou para com os indigenas ?

Encher por encher, fizesse *obra verdadeiramente completa*, abarrotando-nos com os contos portuguezes por elle proprio, por Coelho, por Consiglieri colligidos, e com todos os que encontrasse nas collecções dos negros africanos.

Porque só nos veio revellar a de todos conhecida existencia do *Selvagem* de Couto de Magalhães? Porque tambem não incluiu no livro os contos colligidos por Hartt e Barbosa Rodrigues? Sr. Braga, tome senso.

Já vê que o seu fallar emphatico sobre o

que actualmente se conhece de tradições dos indigenas é uma historia de espirito atrazado, e desfructavel no seu atrazo.

Nós aqui conhecemos um poucaçinho mais. E' na verdade muito singular a ideia do litterato açoriano apresentar-nos o Sr. Couto de Magalhães, cuja obra sobre anthropologia brazileira anda nas mãos de toda a gente que lê, e foi por mim mais de uma vez analysada !

São sempre assim as descobertas do Sr Joaquim Fernandes..... Couves podres em lugar de flores odóras. E não é bom deixal-o n'este ponto sem apreciar um saboroso pratinho do *Boletin Folklorico Español* de 31 de janeiro do anno atrasado. Braga dissera que fôra levado a incluir no meu livro os contos colligidos por Couto de Magalhães, por haver este notado na lingua portugueza das pro-

vincias do Pará, Goyaz e Matto-Grosso vocabulos e construcções tupis. E' um facto trinta vezes notado antes e depois de Couto e largamente discutido por nós em os *Estudos sobre a poesia popular brazileira*.

E' um facto puramente linguistico que prova quanto devemos aos tupis, que não auctorisa, porém, a fazer-se confusão entre os contos dos indios independentes e os contos assimilados pelas actuaes populações civilisadas do paiz.

Pois bem : um tal Sr. Alejandro Guichot y Sierra, depois de transcrever palavras nossas, brada com toda a segurança de um enthusiasmo iberico :

«Este punto del plan de Roméro es modificado por Braga, razonablemente en nuestro sentir, con objeto de completar la representacion de los elementos étnicos del Brasil, con lo que actualmente se conoce de las tradiciones

'indigenas: Couto de Magalhães, segun las palabras de Braga, notó en la lengua portugueza de las provincias de Pará, y tambien lo notaron Goyaz, y especialmente Matto-Grosso, vocablos tupis, etc.»

Então? Soberbo! Goyaz e Matto-Grosso elevados á cathegoria de collegas de Couto de Magalhães! Que tal?

Este Sr. Alejandro Cu chot é um digno companheiro e camarada de Braga, a quem faz estiradissimos elogios.

Nem tudo que reluz é ouro, diz aqui o meu visinho; nem tudo que nos vem da Europa tem valor....

Cuidado com certos sabichões de lá.

Desfeitas as escamoteações praticadas por Theophilo nos *Contos populares do Brazil*, entremos na analyse directa do seu afamado prologo.

N'este pequeno escripto acha-se admiravel-

mente esteriotypado o nosso homem. Por ali póde-se perfeitamente fazer a diagnose de Braga. Quasi não ha uma proposição que não seja um erro ou uma affirmação phantastica e inconsistente.

O que por acaso está certo é copiado. E quem quizer vêr acompanhe-nos.

III

Os disparates nas ideias geraes sobre a civilização brasileira



CCRITICA a que deve ser submettido o escripto posto pelo Sr. Th. Braga como *Introduccão* aos contos populares do Brazil não deve ser apenas uma analyse de character geral, tendente a indicar a intuição e as conclusões do auctor. Este elevado genero de critica deixa-se para os espiritos sérios, pensadores, originaes e verdadeiramente meritorios. Com o Sr. Fernandes Braga muda a coisa de figura. Elle precisa em especial da critica esmeuçante, da analyse

detalhada, que o rachasse de todos os pontos, lhe desmantele as pretensões e o deixe ás tontas perdido, qual uma traça, no meio dos livros que roeu e estragou sem comprehender.

O processo que vamos applicar ao detestavel escripto—*Sobre a novellistica brasileira*—seria por alguém applicado a todas as obras do professor lisboense, si houvesse um homem bastante paciente e desperdiçador de tempo precioso para atufar-se n'aquelle montão informe, incongruente, contradictorio, enfadonhissimo que se chamam as obras do Sr. Joaquim Fernandes Theophilo Braga l...

Só têm contradictores os livros claros, meditados, portadores das ideias nitidas de espiritos que pensam. Raramente um amontoado de compilações desparatadas encontrará oppositores. Pouquissimos se dariam ao trabalho, ao supplicio do ler e annotar os noventa volumes

de fancaria, sem methodo, sem ordem, sem estylo, impostos por Theophilo como penitencia a seu povo.

Em todo caso, faça-o quem quizer; nós limitamo-nos, e por necessidade, ao escripto a que nos havemos referido. Compõe-se elle de tres secções precedidas de algumas linhas introductorias. As secções denominam-se: *Tradições de proveniencia européa, tradições de proveniencia africana, tradições das raças selvagens do Brazil.*

Como se vê, é a divisão ethnographica das tradições nacionaes por nós estabelecida nos *Estudos sobre a poesia popular brazileira* e nos *Contos populares do Brazil.*

Aualysaremos uma a uma as secções d'esse trabalho; mas antes vamos ás suas linhas preliminares.

N'estas o auctor lança duas ideias, não d'elle, tiradas, sim, do *Systema de politica positiva* de

Augusto Comte. A primeira d'essas ideias é referente á differença sociologica estabelecida entre a colonisação da America do Norte e a da America do Sul. A outra ideia refere-se ao conceito ethnographico do philosopho francez sobre as raças humanas, quando reconhece apenas tres grandes raças verdadeiramente separadas e irreductiveis.

Ha factos, e muito serios, a oppor ás duas opiniões de Comte. Poder-se-hia combator a sua vista historica sobre a conquista da America e a sua doutrina ethnographica.

Não é essencial ao nosso alvo. Podemos até, *si et in quantum*, adoptar as vistas do chefe do positivismo sobre os dois pontos indicados, ideias mais de uma vez brilhantemente applicadas ao Brazil por distinctos escriptores

nacionaes n'este ponto agora copiados doidamente por Braga. (1)

O que nos convem antes e acima de tudo assignalar como um symptoma da deploravel confusão das ideias, do estado cahotico do espirito do Sr. Theophilo Braga, é que elle não comprehende e sacrifica a doutrina de Augusto Comte.

Não comprehende; porque não applica scientemente o systema e nem lhe tira as forçadas conclusões; sacrifica; porque cita-a ao acaso, como simples nota de occasião, sem plano e sem consciencia.

A prova irrecusavel está na contradicção permanente em que labora o escriptor portuguez em seus trabalhos historicos e philosophicos e notadamente n'este que analysamos.

(1) E' singular isto! Nem ao menos recorreu ao original de Comte!!! As citações que fez do philosopho francez sobre a America foram tiradas, pelas mesmissimas palavras, das publicações do *Centro Positivista* do Rio de Janeiro!! Achou o bocca-do-feito, o patusco!...

Em seu espirito travam uma lucta desastrosa certas noções que lhe foram fornecidas por alguns ethnologos e linguistas, nomeadamente Lenormant e Max-Müller e as ideias fundamentaes do positivismo que elle jámais assimilou completamente.

Abre as linhas preliminares do seu estudo sobre a *novellistica brasileira*, lembrando intempestivamente a doutrina de Comte sobre a colonisação das duas Americas.

Ora, a ideia capital do auctor da philosophia positiva n'este ponto é tornar saliente em o Novo o dualismo sociologico do Velho Mundo, a saber, o espirito organisador dos latinos com o catholicismo e a realza de um lado, e de outro o espirito individualista, de livre exame, de anarchia dos germanicos com a Reforma e suas seitas e querellas religiosas.

Em nosso occidente Comte firma a sua

doutrina nos factos historicos, nas instituições, nas conquistas sociaes.

Invocando o Sr. Theophilo Braga esse testemunho, parece que ia applicar-lhe as ideias ao desenvolvimento historico do Brazil. Não ha tal ; o leitor vira a pagina e encontra o nosso homem esquecidiissimo do mestre que citou por luxo, e por emprestimo, de todo perdido em suas divagações ethnographicas !

O pobre Comte não apparece mais ; não ha mais sombra de *catholicismo* e de *realeza* para explicar o facil consorcio do portuguez com o indio e o africano.

Em troca o que vai encontrar o leitor ?

Advinhe lá, si é capaz..... Encontra os *turanos da Iberia* descobrindo cá n'America os seus parentes, os *turanos do Novo-Mundo* ! Com razão o proprio Augusto Comte nutria nm

invencível desprezo pela charlatanice ethnographica de certos tolos de nosso tempo.

Não é, porem, só a doutrina sobre a colonização americana que Braga olvida, pela contradicção intrinseca que o devora; a divisão ethnica de Comte é immediatamete abandonada.

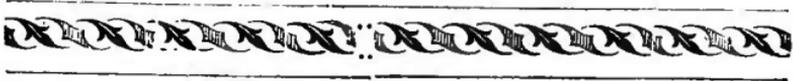
Sabe-se que o philosopho era inimigo de certas especulações que lhe pareciam um prolongamento da escolastica em historia:

Estabeleceu o seu grande escorço da marcha evolutiva da humanidade, *a lei dos tres estados*, e, quanto aos periodos iniciaes da phase theologica, a saber, o periodo *fetichista e o polytheista*, elle não emmaranhou-se n'esse mundo de questões que vieram a formar a pré-historia, a anthropologia, a glottologia, a mythographia, a ethnographia, etc.

Tinha até certa ogeriza a estas pesquisas cheias de hypotheses e phantasias gratuitas.

No tocante ás raças, pois, Comte deixou-se ficar na velha divisão classica, firmada na côr e em alguns dados psychologicos, de *brancos*, *amarellos* e *negros*, raça *intellectiva*, raça *activa*, e raça *affectiva*. Boa ou má, erta triada ethnologica pode ser adoptada, ou repellida; o que não é licito é adoptal-a agora com Augusto Comte, para dar-se ares de respeitador do mestre entre os positivistas, e, d'ahi a pouco, abandonar-a em troca da classificação de Bunsen, Max Muller e Lenormant, para dar arrhas de si n'um outro grupo... Veja bem com quem fica o Sr. Braga, si com *brancos*, *amarellos* e *negros* ou si com *aryanos*, *semitas* e *turanos*. Repare que as duas classificações firmam-se em bases diversas; lembre-se que os *aryanos* são brancos, os *semitas* são brancos, em grande parte os pretendidos *turanos* tambem são brancos. Terá de

acommodar os *amarellos* e os *negros* n'uma só pequena parte dos *turanos*. Coisa difficil, que assalta os anthropologos trapalhões!... Esta é a summa das linhas preliminares do trabalho de Theophilo. Bagaço e poeira... Passemos ao corpo do artigo.



IV

Os absurdos nas tradições de origem européa.



ESTAMOS em face do pomposo titulo—
Tradições de proveniencia européa.—

Naturalmente o leitor sente-se satisfeito; afinal vae elle saber definitivamente no corpo das tradições, contos, lendas, aphorismos, adivinhas, e outros productos populares do Brazil, o que em particular foi obra do colonizador portuguez. Perfeito engano.

O improvisado anthropologo açoriano des-

mantela quem n'elle se fia ; escreve dez paginas (de IX a XIX) sobre o problema das origens portuguezas ; das dez, seis são gastas com o *portentoso* enygma de mostrar-nos que o costume de *contar historias* é antigo em Portugal, tanto que nas comedias de Gil Vicente, Antonio Prestes e Camões e nos versos de Tolentino ha allusões a esse costume....

Não satisfeito com esta prova, entra homem a trasladar paginas e paginas das *operas portuguezas* de Antonio José para demonstrar aquillo que todos sabem, aquillo de que ninguem duvidou jamais, aquillo que não está em questão. Isto já sabiamos nós ; vamos ao ponto capital, vamos a immigração dos contos para o Brazil, sua adaptação ao meio americano, suas transformações. De taes assumptos, nem palavra ! O sabichão truculento não teve o que dizer... Das divagações *innocentes* sobre o velho

costume das narrativas de casos e historias, passa o sabichão truculento a divagações *novivas* sobre *mytho*, *lenda* e *conto* em geral.

Outra cousa que não estava em questão e sobre a qual Braga parlapateia desbragadamente. N'esta lucta desastrosa gasta elle todo o resto do papel que lhe tinha ficado para tratar das tradições de proveniencia européa. E' mister acompanhal-o. Antes d'isto, uma notinha incidental: a uma só tradição brazileira notou o escriptor uma analoga na Europa—a do *bumba meu boi*. Fiel, porém, ao seu systema de contradizer-se perpetuamente, a dá mais adiante como africana. Eis os textos: « O rudimento dramatico do *Bumba meu boi* apparece prohibido em um sermão do seculo VII: Que ninguem se entregue ás praticas ridiculas ou criminosas das calendas de janeiro, taes como *fingir* velhos ou *animaes* (aut cervulus), »

4

(Pag. IX) Estas palavras são de Theophilo na Europa, são do *mósarabe*. Quando passa á Africa e entra a ser *turano-mongolo-negroide*, escreve estas outras : «No Brazil existe nas festas do Natal e Reis Magos, o auto rudimentor do *Bumba meu boi*, anologo á festa do Boi Geroa, ou o *Muene Hambo* dos Ba-Nhaneca da Africa.»

(Pag. XXII.) E sempre assim são as manobras escriptoriaes do compilador portuguez : notas ao acaso tomadas e mais tarde juntas sem criterio pela mania de atravancar-nos o caminho com duzias e duzias de livreços.

Privados, apezar nosso, de acompanhar o homem em considerações sobre os contos populares do Brazil; porque elle evita sempre o ponto principal, sigamol-o nas correrias sobre os contos em geral em sua *formação mythica*.

Antes de tudo devo assignalar a sua inteira incompetencia.

Que o Sr. Theophilo Braga, dispondo apenas dos atrapalhados estudos de humanidades que lhe ministraram nos Açores, do máo curso de direito que fez em Coimbra, das leituras sem methodo de critica litteraria, historia geral, philosophia e ethnographia feitas em Lisboa, escreva a historia da litteratura de seu paiz, collija-lhe os cantos e contos populares, faça compilações de philosophia patusca, ou de pretensa historia universal, vá feito; é admissivel. Mas que um homem, sem preparação scientifica regular, quer em todas as sciencias particulares da hierarchia comteana, quer especialmente n'aquelle grupo de estudos que constituem as sciencias sociologicas, metta-se a resolver problemas technicos de linguistica, de mythographia, de pre-historia e anthropologia, é feio; porque é pedantismo e da peor especie, o pedantismo lettrado e futil na sua litteratice. Onde o Sr. Theophilo Braga es-

tudou as linguas aryanas principaes, o sanscrito, o zend, o grego, as linguas slavas e germanicas para discutir *mythos* aryanos ? Onde e quando aprendeu o chaldêo, o hebraico, o arabe, o phenicio e os outros idiomas semiticos para discutir *mythos* semiticos ?

Onde e quando viu siquer livros da familia ugro-altaica para escrever com ares de *magister* sobre *mythos* accadicos. finnezes, etc ?

Ora deixa-te d'isto, Braga !

Cópia caladinho o teu Bréal, o teu Max-Müller, o teu Renan, o teu Lenornant e deixa-te de historias de *mythos*. Nestes assumptos nós todos portuguezes e brazileiros não passamos de amadores, de curiosos.

Somos levado para aqui ou para ali, conforme somos guiados pelos grandes constructores da sciencia europea e estes certamente não residem em Portugal.

Na tarefa mesma de transplantação para o reino do que de melhor fôr apparecendo na Europa, não é o Sr. Fernandes Braga o mais bem preparado, apesar de ser o mais pretencioso.

Ali ha curiosos muito mais instruidos na cultura ingleza e allemã. No ponto vertente, por exemplo, como poderá escrever consciencemente sobre mythologias e litteraturas antigas um homem que em glottica distingue-se pela mesquinhissima e desparatadissima grammatica portugueza inçada de erros, quando não é miseramente plagiada de Brachet ?

E' fallar com franqueza, e não risco uma só palavra, porque esta é a verdade. Sem preparação scientifica especial, é para espantar o *aplomb* do Sr. Theophilo Braga, dando-se por mythologo e gabolando-se de *suas doutrinas*, perdido n'um acervo de vulgaridades, erros e aleijados desparates...

Ouçam :

«A universalidade de um certo numero de contos entre as mais separadas raças e diferentes civilizações humanas, é o primeiro phenomeno que surprehende o critico. D'aqui a inferencia de sua importancia ethnica e psychologica, como documento inconsciente de um periodo emocional da vida da humanidade. E', portanto, logica a approximação do *Conto*, tal como elle chegou até nós, dos *Mythos* mais geraes creados pela intelligencia primitiva, e mesmo consideral-o em grande parte como degenerações d'esses mythos, quando deixaram de ser comprehendidos. Não é esta, porém, a *nossa doutrina*; porque a approximação do *Conto* póde fazer-se tambem da *Lenda*, estabelecendo-se uma relação intima entre estes dois productos da imaginação e das concepções subjectivas. O *Conto* é para nós um producto inde-

pendente e simultaneo com a criação do *Mytho* e da *Lenda*, apropriando-se dos elementos de cada uma d'essas concepções e conservando por isso na sua variedade umas vezes caracteres mythicos, outras vezes caracteres lendarios.» (Pag. XIV.)

N'este pedaço de escuro cobre velho ha tres affirmativas: 1.ª a importancia psychologia e ethnica dos *contos* tirada da universalidade de alguns d'elles; 2.ª os contos considerados como mythos degenerados e mal comprehendidos; 3.ª a simultaneidade e independencia dos *mythos*, *lendas* e *contos*.

Esta ultima affirmativa é que o Sr. Theophilo chama a *sua doutrina*. Ora, pois; aqui o meu visinho *Xixi*, ilhéu mettido a lettrado, diz-me que as tres cathgoricas asserções não têm valor algum.

A primeira é uma velharia mal compre-

hendida por Braga. Não foi o caracter *extrinseco* da generalidade, só muito tarde notada, que despertou a attenção da sciencia sobre os *contos* populares. Foram antes os seus caracteres *intrinsecos*, suas relações não sómente com os *mythos*, mas ainda com as creações épicas, com certas formulas religiosas, com os dictados e annexins, com os jogos infantis, etc.

Eis a razão pela qual um seculo que tanto se tem preocupado com o estudo de todas as creações primitivas, applicou-se tambem a pesquisar sobre os contos anonymos.

A segunda asserção de Braga, diz *Xixi*, nada adianta; é um producto caprichoso e exagerado de uma velha escola de *mythologos*.

Sabe-se geralmente que uma duzia de *theorias* tem apparecido para explicar a origem e a formação dos *mythos*. Problema quasi sempre mal formulado, deu-se com elle o mesmo

que acontecera com o celeberrimo debate da origem e formação da linguagem, e o ainda mais celebre da origem e formação das ideias.

Vieram uns e quizeram vêr sempre nos mythos elementos historicos, typos humanos divinizados pelo processo da apotheose. E' o *evhemerismo*.

Vieram outros e enxergaram nos mythos tentativas primitivas de explicação dos phenômenos sidereos.

E' a tão decantada theoria *astronomica*, mais geralmente denominada *solar*. A doutrina astronomica entrou a dividir-se ; uns consideraram os mythos como um vastissimo symbolismo ; a allegoria vinha a ser a grande *genitrix* de todos elles.

Kreuzer foi o mais distincto representante d'este pensar. E' a theoria *symbolica* que, por sua vez, foi fortemente atacada. Appellaram

então para a linguagem, com a sua *pobreza*, as suas *molestias*, como principal formadora dos mythos : é a theoria *metaphorica*.

E' a doutrina de Heyne, renovada por Max-Müller e que prende suas raizes em Vico. Em o seio da doutrina astronomica, quer no ramo symbolico, quer no linguistico, uns davam a palma ao Sol e a Aurora na explicação dos mythos, outros ás Nuvens, ás Borráscas, aos Temporaes...

Hoje uma dupla reacção move-se contra a theoria adoptada por Max-Müller. Na concepção solar e na parte que ahi é attribuida á molestia da linguagem vão bater os golpes da critica.

Hoje, sob o nome de *animismo espontaneo*, de *naturalismo primitivo*, de *anthropomorphismo inconsciente*, a doutrina que mostra mais probabilidades de triumpho é a mesma, no fun-

do, que foi formulada e defendida pelo espirito mais assombrosamente dotado n'este seculo para a comprehensão do pensamento primitivo, o grande Otfried Müller.

O estudo geral da mythologia trouxe diversos problemas particulares, como o das relações dos mythos e dos poemas nacionaes, o das migrações mythicas de povo a povo, o das relações entre os mythos cosmicos e as lendas religiosas, etc. Entre taes problemas appareceu naturalmente, espontaneamente o das relações entre os mythos e os contos populares.

Tal inquirição foi feita no tempo em que ainda predominava a doutrina *max-mülleriana*.

Assim como esta explicava o *mytho* como uma *degenerescencia* da linguagem, explicava o *conto* como uma *degenerescencia* do *mytho*.

Tem havido, porem, e desde muito, grande reacção na Europa contra as theorias predile-

ctas do professor de Oxford. Na linguistica, na mythologia, na ethnographia, tem sido elle batido e com razão. Em glottica a sua explicação metaphysica da origem da linguagem por um *instincto* particular foi repellida. Em mythologia geral e comparada seu aferro e exclusivismo pela theoria *solar* e pela doutrina *metaphorica* foram rechaçados. Ali tambem a sua idolatria pelos Vedas tem sido golpeda.

Em ethnographia sua pantafaçada theoria da *raça turaniana* só tem um defensor na Europa e este é nada mais nada menos que o Braga, o atrazado Joaquim Fernandes Theophilo Braga !..

A terceira asserção d'este homem, a sua doutrina, isto é, a *simultaneidade* da formação dos mythos, lendas e contos, diz-me o *Xixi* que é cousa velha e mal, e pessimamente exposta por Theophilo. O escriptor portuguez falho de imaginação, de vivacidade mental, não

tem a impressão intuitiva, o sentimento vivaz e nitido das épocas mythologicas. Elle não passa de um curto raciocinador abstracto, esterilizado pela leitura atribulada e indigesta.

No afan de escrever, não medita, não revive n'alma as suas impressões; no afan de escrever, cerca-se de livros, accumula notas, e as vae grupando grosseiramente, estonteadamente.

Suas obras não são o producto de um espirito culto, alimentado pelo estudo, digestivo e assimillador, que se volve sobre si mesmo e elabora como proprias as suas concepções. D'ahi essa confusão, esse tumulto perpetuo que torna fatigante e quasi impossivel a leitura de Braga.

Tomemos um fragmento, um pedaço qualquer dos mais vulgares escriptos sobre mythologia, uma lição de M. Müller ou de A. Kuhn;

um capitulo de Bréal ou de Gubernatis, um artigo de Baudry ou de Renan. O conhecimento, a posse completa do assumpto manifestam-se logo na clareza das ideias e na facilidade e graça do estylo. Em Theophilo nada d'isto; vamos aos trambolhões, engolindo gatos por lebres, e sahimos atordoados, indigestos, mortos.

Falta-lhe completamente o talento de distinguir e representar, o sentimento das *nuances* de que falla Renan. Tudo para elle é grosseiro e indistincto. O homem primitivo apparece-lhe em imaginação armado de todas as peças compondo *mythos*, *lendas e contos*, tudo isto ao mesmo tempo. E' uma confusão diabolica.

Si é verdade que o conto em toda e qualquer forma não é sempre e sempre um producto posterior e longinquo, um *mytho fanado e perdido*, não é menos certo que povoar a cabeça

do homem primitivo de lendas e contos e mythos entrelaçados, é um disparate perturbador.

A intuição naturalistica e espontanea do fetichismo primitivo dá-nos aqui a razão dos factos. Braga em sua falsa *ideia da simultaneidade* esquece-se de uma coisa, esquece-se da lei da evolução, do desenvolvimento progressivo, que tem tambem applicação em mythologia. Nem todos os mythos representam o primeiro olhar lançado pelo homem sobre o universo. Ha mythos de varias especies, ha verdadeiras gradações.

A um naturalismo rudimentar primitivo e instinctivo succedem as phases do anthropomorphismo, da astrolatria, da apotheose, etc.

Mais tarde apparece o polytheismo em todas as suas gradações.

Entre os mythos ha primarios, secundarios,

terciarios, e finalmente os mythos degenerados ou fanados.

A mesma distincção deve ser feita entre os contos e entre as lendas. Dizer em absoluto que os mythos antecederam sempre e sempre aos contos é um equivoco; sustentar em absoluto que elles foram simultaneos é um gravissimo erro.

A verdade é que, principiando a humanidade pelos elementos mythicos, atravessava ainda esta longuissima phase, quando começou a produzir as primeiras fórmulas narrativas. Nem isto é novidade; é velho como a Sé de...Braga.

O nosso auctor falsificou uma verdade elemental.

O mytho é o phenomeno natural transfigurado pela anthropopathia; a lenda é o facto humano modificado pelas tendencias apotheticas; o conto é a formula narrativa geral

apoderando-se de factos mythicos, ou lendarios ou até historicos; é um grande genero que abrange diversas especies.

Por isso se diz o *mytho* de Hercules e não a lenda ou conto de Hercules; a *lenda* de Buddha e do Christo e não o *mytho* ou o conto de Buddha e do Christo; o *conto da Moura Torta* e não o *mytho* ou a lenda da *Moura Torta*.

São observações do ilhéu *Xixi* que ao mesmo tempo estranhou que o *sor moço* Theophilo tivesse tolamente perdido o seu tempo, divagando mal sobre cousas tão genericas, que podem ser lidas ahi pelos collegiaes a qualquer hora em centenas e centenas de livros.

N'esta mesma secção das *tradições de proveniencia européa* o professor de Lisboa espalha ás mãos cheias os mais grosseiros erros de detalhe.

Mostraremos dois. «Antonio Jesé, escreve

elle, como Francisco Rodrigues Lobo no seculo XVII, chasqueia o ditado popular, cheio de vacillações e incongruencias : *por onde se vê que é errado* o processo d'aquelles que ao colligirem os contos do povo, attendem principalmente ás fórmãs dialectaes, sacrificando o que é persistente, os themas tradicionaes, ao modo accidental da sua narração. Convem separar o estudo da Novellistica do da Dialectologia.» (Pag. XIV.)

Esta cincada vem com vista a alguém. Mas tal fragmento de braguismo é uma penca de bobagens.

Onde foi que o Sr. Theophilo descobriu a incompatibilidade de dois estudos que sempre andaram juntos, linguistica e mythologia, glottica e crêações populares ?

Que inconveniente poderá haver em repro-

duzir fielmente no *fundo* e na *forma* os contos populares ?

Dá-se com elles o que acontece á *poesia anonyma*.

O caso é o mesmíssimo.

Acharia o Sr. Theophilo muito regular o systema de polir e emendar, á moda de Garrett, as poesias populares ? Certamente não. E porque motivo vem despropositar sobre os contos ?

Nada, porém, como a razão do supposto erro do processo por elle incrépado ; o porque da coisa está em haverem Antonio José e Rodrigues Lobo *chasqueiado do ditado popular cheio de vacillações !...*

Onde anda este homem com a cabeça ?

E' como si o Sr. Th. Braga dissesse : « eu reconheço a necessidade de separar a Novellistica da Dialectologia ; *porque*, como diz um

grande escriptor, *cada um enterra seu pai como póde...»*

Não seria esta uma razão de tanto peso ?

Pois a outra é igual, e quasi sempre são assim os nexos causaes descobertos pelo philosopho açoriano.

Ultimaremos esta secção com um pedacinho de ouro :

«E' já possivel coordenar todos estes elementos da mentalidade subjectiva em uma relação psychologica, de forma que se comprehendam como concepções de uma synthese espontanea.» (P. XVII.) Hein ? ! Que tal a charada !

Os elementos da mentalidade subjectiva...

E qual será a mentalidade *objectiva* ?

Coordenar em uma relação psychologica...

E qual é na mentalidade subjectiva a relação *não psychologica* ?

Coordenar em relação psychologica para

que se comprehendam como concepções de uma synthese espontanea.

Que diabo é isto ? Que amphigouri damnado !

Joaquim Theophilo não pensa bem no que escreve; não pesa os termos. Phrazes d'aquellas andam aos milheiros em seus livrécos. E' um paspalhão; reparem bem que não passa de um paspalhão togado...



V

Os absurdos nas tradições de origem africana.

HEGAMOS á secção das *tradições de proveniencia africana*. E' exigua ; contém cinco paginas de XIX a XXIII. Começa plagiando um pedaço inteiro meu da *Revista Brasileira* sobre o pararello entre a escravidão antiga e á moderna, reproduzindo até, sem citar a fonte, o *Padre Nosso do Negro*. Passa ineptamente logo depois a copiar trechos e mais trechos

d'O *Abolicionismo* do Sr. Joaquim Nabuco. E' sempre infeliz nas escolhas feitas.

O problema principal, a influencia dos africanos nos costumes, na lingua, na indole e na constituição da nação brasileira, é posto de lado e supplantado, conforme o sestro de Braga, por phrases banalissimas.

As contradicções formigam; á pag. XX falla no *instincto de aversão e crueldade da população branca do Brazil para com o negro*; á pag. XXI falla-nos ainda no *barbarismo* e no *afastamento cruel do branco*. Quem assim se exprime é aquelle mesmo que pouco antes, pag. VIII, declamava malogradamente sobre o character brando do portuguez, *que não viu no seu cooperador activo, o escravo negro, esse abysmo inaccessible da côr...*

Os erros de detalhe, que mostram irrecusavelmente a profundissima ignorancia de Theo-

philo sobre assumptos brazileiros, assaltam-nos de toda a parte.

Notaremos poucos, na pressa que temos de passar á secção indigena, onde o homem dar-nos-ha largamente o que fazer.

Computa a população *negra* do Brazil em um milhão e meio de almas (pag. XXI.) Tratando da influencia do negro entre nós, deveria consultar os dados officiaes que mostram na população pelo menos dois milhões de negros e quatro milhões de pardos escuros. (1)

Do Brazil dá repentinamente um salto na península helenica e escreve fóra de geito :

«Na Grecia a fabula era tambem considerada como proveniente de uma civilisação *negroide*, d'onde a sua designação de *Fabulas*

(1) Já, ha 15 annos, o recenciamento de 1872 — dava 1,954,452 negros puros e 3,801,782 mulatos.—

lybicas, ethiopicas, e a identificação de Esopo com *Aithiops*.» (Pag. XXII.)

E' ainda e sempre o systema braguista de torcer, inverter, falsificar tudo. Aquella noticia é tirada erradamente da *Historia da Litteratura Grega* de Otfried Müller, vol. II, pag. 33 e seguintes da traducção de Hillebrand.

Müller, tratando da poesia jambica e trochaica entre os gregos, caracteriza a fabula helenica, distinguindo-a da fabula imitada dos orientaes.

Falla de passagem nas fabulas *libycas, sybaricas, cilicianas* e *cypricas*, generos differentes das fabulas carias e gregas.

Muito longe do pensar de Müller esteve sempre a supposição de uma origem *negra* para os fabulas *lybicas*.

O impertinente trapalhão portuguez é que nutre tão desastrosa e estúpida crença.

Ouçamos o insigne auctor dos *Dorios*. «A fabula, disse elle, pode originar-se em outros povos, e especialmente no norte da Europa, da contemplação singela e innocente da vida animal, que muitas vezes faz lembrar a industria humana; na Grecia ella nasce sempre de um disfarce intencional e consciente das relações dos homens. O *aenos*, como a palavra o indica, é uma advertencia critica, e em alguns casos amarga, que, já por medo de demasiada sinceridade, já por pilheria e brincadeira, esconde a censura sob a ficção de um acontecimento passado entre os animaes. E' precisamente por formarem os factos humanos o pensamento principal na fabula grega, e só apparecerem n'ella os animaes para lhe servirem de enroupamento, que ella nada tem de commum com a fabula popular, e nenhuma relação nutre tambem com a mythologia, as metamorphoses,

verbi-gratia que a tantos animaes dão uma origem mythica. A fabula grega é a invenção absolutamente livre d'aquelles que sabiam descobrir na sociedade dos animaes analogias para certas situações humanas, e que, conservando aos animaes seu character real e emprestando-lhes a linguagem e certa dóse de rasão, os punham em circumstancias de exhibirem o seu character. » Após esta notação da fabula grega, ajunta o sabio Otfried com demasiada cautela o seguinte: «E' bem provavel que tal genero de fabula, e uma multidão de invenções parecidas, hajam sido pelos *povos orientaes* ensinados aos gregos; porque estas especies de contos symbolicos e disfarçados com intenção estão mais na indole do Oriente do que na da Grecia. *Para não perdermo-nos em terrenos de todo estranhos*, limitemo-nos áquillo que os proprios gregos nos ensinam sobre esta origem

oriental pelos titulos que davam ás suas fabulas Chamavam *lybico* um genero de fabulas, mui provavelmente de *origem africana*, e que lhetrá sido sem duvida communicado por Cyrêna.»

Foi este o texto que desnorteou o professor do Curso Superior de Letras de Lisboa..

Fabulas lybicas, fabulas de origem africana... oh ! que achado ! temos um elemento *negroide* na Grecia ! Mas, vejamos bem, será *negroide* ou *mongoloide* ? Será preto ou amarello, branco ou vermelho ? Será *brancoide* ou *vermelhoide* ? Oh ! magnifico ! Vae triumphar a theoria predilecta, de Braga : *lybicas, fabulas negroides* !

São infallivelmente restos da poesia *turana* ; são frangalhos do *lyrismo accadico* !

Uma, duas argolinhas,
 Finca o pé na pampolina ...
 O rapaz que jogo faz ?
 Faz o jogo do capão ;
 Conta bem, Joaquim Theophilo,
 Conta bem, que vinte são !...

Conta bem ; são fabulas dos negros de Moçambique e Benguela que vieram para o Brazil....

O presumpçoso e atrazadissimo Braga ainda se acha no velho ponto de vista dos maos estudantes de geographia, que, em se lhes fallando n'África, vem-lhes logo á ideia o *continente negro*, uma vasta região abrazada, areiaes interminos a borbuharem de pretos, de negros aos cardumes !

Desconhece que todo o norte africano tem sido desde a mais remota antiguidade povoado por brancos, chamitas, chuschitas, semitas e até arianos. Suppor a Africa toda cheia de pretos é tão estulto como imaginar a Asia toda repleta de *amarellos*.

Converto-me ao *turanismo—negroide—amarelloide—vermelhoide* de Theophilo si elle indicar-me uma só época da historia em que a

região onde foi edificada Cyrena tenha sido habitada por pretos... Fabulas *lybicas* não são fabulas *negras*. A differença é enormissima; si não comprehende, prepare-se um pouco melhor para fallar n'estes assumptos...

Não seja tão desparatado.

Passemos ás *tradições das raças selvagens do Brazil*.

VI

Os despropositos nas tradições de origem americana



I em alguma cousa Braga é mais detestavel do que no resto, é quando se mete a anthropologista e ethnologo. Si o poeta, o critico. o politico, o philosopho, o historiador são massudos e massadores, o anthropologista é um ratão de grande marca. Escreve para ahi a esmo, copiando o que lê sem o menor criterio, estolida e desastradamente.

Lá no proprio Portugal é este o juizo ge-

ralmente feito sobre Theophilo em tudo e ainda mais na qualidade de ethnologo. Ha de ter sido por isto que elle não foi admittido ao Congresso de anthropologia ha tres ou quatro annos reunido em Lisboa. Adolpho Coelho, Consiglièri Pedroso, Vasconcellos de Abreu e outros escriptores portuguezes tomaram parte nas discussões; Braga brilhou pela ausencia! Pois era a occasião de fazer triumphar definitivamente a *mongolidade turaniana da proto-historia*...

Para ser bem comprehendido o estado deploravel das ideias de Braga em ethnographia, é mister lançar um olhar sobre a psychologia d'aquelle espirito.

Braga é um açoriano, um ilhéu. Mal aquinhoado de fortuna em seus principios, ou antes, para dizer toda a verdade, reduzido ás mais apertadas condições economicas, teve de iniciar os estudos universitarios em Coimbra.

Precisou de fazer copias para seus collegas. Curioso, dotado de grandes ancias de apparecer, sua má posiçã) e o manejo das copias despertaram-lhe dous impulsos psychologicos que têm vindo depois a fructificar: 'a sêde de fortuna que o tem levado a uma sovinaria proverbial, de um lado, e, de outro, o sestro de ler e escrever aos trambolhões, pela monomania de compilar a torto e a direito. D'ahi o peculio bem regular que hoje possúe e a grande rúma de livros em que se pôde deitar. Um tal regimen teve um lado bom, porque affeçoou-o ao trabalho; mas teve tambem um lado máo, porque seccou-lhe as fontes da espontaneidade, dos impulsos originaes, mecanisando-lhe a intelligencia.

Um tal regimen suffocou-lhe a intuição critica, afogando-a no desespero de ler e escrever. Um tal regimen fel-o construir

uma obra informe, cujo remate está em contradicção com o meio e o principio, obra argamada pela precipitação.

Homem de ler um livro para delle tirar dois, não tendo tempo de verificar, cotejar, reflectir, sahido da Universidade cheio das doutrinas contradictorias de Hugo, Quinet, Michelet, Chassang, Du Méril, a que juntava em menor escala alguma cousa de Renan, Alfredo Maury e Max-Müller, tendo accumulado com estes poucos elementos no decennio de 1860— a 70 duzia e meia de volumes de *omni re scibili*, travou no decennio seguinte e quasi ao mesmo tempo conhecimento com o positivismo por intermedio de Littré e com a archeologia e ethnographia do Oriente por intermedio de Lenormant. Foi o diabo ; foi uma visão formidavel que veio ainda mais perturbar o estado cahotico das ideias do açoriano.

Fiel ao seu systema, fez a obra de Lenormant parir-lhe uma *Historia Universal* e outros volumitos mais ; fiel ao seu systema, Littré, e alguns poucos positivistas, foram postos em contribuição e vieram ajudar a gestação da *Universal Historia* e de outros volumaços mais ! Estava feita a liga entre a *positividade* e a *turanidade*, e tinhamos a apreciar contristados essa lucta esteril em que se debate, em que se aniquila um espirito presumçoso e confuso, é certo, porem não de todo inutil.

Só muito depois é que, n'outros livros de historia, de linguistica e de anthropologia, Braga pode vêr a falsidade do *turanismo*. Era tarde. Começou o desespero para conciliar seus velhos erros com os factos veridicos da sciencia. N'este espirito é escripto o infeliz fragmento *Sobre a Novellistica brazileira* que temos estado a analysar.

A este respeito escreveu Em. de Saint-Albin no *Polybiblion* :

« Dans ses introductions, M. Braga parle peu des chants et des contes du Brésil ; mais, avec une emphase toute meridionale, il entasse les inductions sur les digressions, les citations sur les généralisations, et vous fait assister à un défilé d'Aryens et de Touraniens, de dolichocéphales et brachycéphales, *moins propres à renseigner le lecteur qu'à le stupéfier.* »

E' isto mesmo.

Nsa doze paginas consagradas ás tradições dos selvagens (XXIV—a—XXXVI), as duas primeiras são consumidas com impertinentes generalidades sobre as difficuldades que se deparam ao collector de contos populares e com uma noticia incolor e futil sobre o Dr. Couto de Magalhães. As taes difficuldades, exa-

geradas por Braga, são de todos conhecidas e não vale mais a pena gastar papel em consignal-as. A noticia sobre Couto de Magalhães antolha-se-nos de todo inutil a nós que em 1874 escrevemos sobre elle uma brochura, quando publicou o seu livro da *Região e Raças Selvagens do Brazil*, e em 1879 analysamos o seu livro d'*O Selvagem*.

Após esse preliminar desnecessario, entra o homem desassombradamente no *turanismo*.

« Uma d'estas civilisações proto-historicas é a das nações *Scytho-mongolicas*, nome que talvez seja preferivel para exprimir as *raças turanianas*, da mesma forma que os anthropologistas propõem o nome de *Syro-Arabes* em vez de *Semitas* e *Indo-Europeus* em vez de *Arias*»). (P. XXVII).

E' a ouvertura da opereta buffa do *turanismo* precedendo os *Contos populares do Bra-*

zil ; mas uma *ouverture* de sanfona ilhó1 des-afinada e martelante.

A passagem citada é insigne de confusão e má fé. E' plagiada de Broca e ao mesmo tempo é contraria ao pensamento do anthropologista francez. Parece absurdo ; mas não é tal ;—em Theophile isto é trivialissimo. Não é raro ouvil-o fallar de outiva em Morton, o celebrado chefe da escola do autochtonismo dos indigenas d'America, Morton o chefe d'aquella pleiada brilhantissima de anthropologistas indigenistas que encerra em seu seio homens como Nott, Gliddon, Haven, Brautz Mayer, Agassiz, e tantos outros ; não é raro, dizemos, ouvil-o fallar em Morton, que elle nunca leu sinão desfigurado em Prichard, o chefe da escola contraria, a escola do *asiatismo*, cujos principaes sectarios na America, alem de Prichard, são Forrey, Pickering e o coronel Smith!...

Não é raro tambem ouvil-o fallar em Broca, o ousado refutador de Rétzius, de Pruner-Bey e dos sectarios da velha doutrina que reduzia os habitantes ante-aryanos da Europa a uma raça brachycephala geralmente espalhada desde a Hespanha até á Finlandia, raça ainda hoje representada, ao que se dizia, nos bascos, nos finneses e n'outros povos da supposta familia turaniana, não é raro ouvil-o invocar fasalmente o testemunho do polygenista francez, adversario decidido das suas ideias predilectas !... E' um meio de illudir aos incautos.

O pedaço citado, disse eu, é plagiado de Broca, e é ao mesmo tempo contrario ao espirito do distincto anthropologista. Eu o provo. E' filado de Broca; porque é o resumo de parte de suas ideias expostas no artigo intitulado :

Examen de quelques questions de nomenclature anthropologique, e sem citação da fonte. (1)

E' contrario ao espirito de Broca, porque este não se limitou em sua critica da expressão *turanismo*, raças *turanas*, linguas *turanas* a, censurar o neologismo por Omalius d'Halloy empregado limitadamente e por Bunsen e Max-Müller desviado de seu primitivo sentido e estendido a todos os povos não aryanos e semitas. Broca foi muito adiante; alem da expressão elle combateu o facto, insurgiu-se contra as phantasias d'aquelles. Braga, quando começou a vêr turanos por toda a parte, levado por Müller e Lenormant, não tinha ainda lido nada contra o *turanismo*. Mais tarde chegaram-lhe aos ouvidos as criticas á *engenhosa hypothese* do philologo allemão, na phrase de Renan,

(1) Vide—*Mémoires d'Anthropologie* de Paul Broca, vol. I, pag. 234 e seguintes.

e entre taes criticas iam algumas dirigidas contra a propria palavra *turano*, questão secundaria diante de coisa muito mais seria que anda envolta no debate, e o compilador portuguez, desnortado n'isto como em quasi tudo, deixou de lado o essencial, que é a irreductibilidade dos povos não aryanos e semitas a uma só familia, e apegou-se á questão insignificante da palavra, da expressão, da designação da grande e phantasiada raça. Muito ingenuo é o professor portuguez, si julga que ahi temos apenas uma questão de titulo, cousa sanavel diante de um titulo melhor. Não, o pleito é muito mais grave e não é cousa para se resolver com a expressão de raça *scytho-mongolica* em vez de raça *turana* !...

Nem ate essa expressão é bom escolhida ; o Sr. Theophilo mostra ignorar totalmente o pé em que se acham estas cousas. Pois ainda des-

conhece que o primeiro termo d'aquella formula, proposto por Whitney, não pode ser acceito; porque ha quem considere os *scythas*, senão no todo, ao menos em grande parte aryanos ? (1)

Ainda não sabe que o segundo termo da formula tambem não pode ser acceito, porque muitos auctores competentissimos excluem os povos mongolicos da familia turana, que fica simplesmente reduzida ao grupo *uralo-altaico*, ou *finno-hungara*? E' d'esta opinião o proprio Whitney. (2) Si o nome turano é repellido por prestar-se a interpretações contradictorias, o nome *scytho-mongolico* é imprestavel tambem ; porque é igualmente obscuro, é susceptivel de induzir-nos a enganos diante das duvidas ainda

(1),—Vide A. H. Sayce, *Philologie Comparée*, e A. Hovelacque - *La Linguistique*.

(2) Vide—*La Vie du Longage*, pag. 194.

hoje existentes sobre os dous termos que o compoem.

Mas tudo isto é ainda secundario. Temos cousas muito mais galantes n'aquelle proprio trecho citado. Quem lê aquellas palavras é induzido a crêr que o Sr. Theophilo abandonou o seu turanismo exagerado e ferrenho e é hoje um turanisante moderado. Pois quem tal pensar—illude-se redondamente.

O homem continúa a ser turanisador vermelho e intransigente. Ainda hoje aquelle pobre espirito não é só um atrazado em philosophia, em critica litteraria, em poesia; é tambem um ancião decrepito em linguistica e anthropologia. Ainda hoje vive-nos a repetir, exagerando-os, os sonhos de Max-Müller.

« Voici trente ans que M. Max. Müller, escreve um homem competente—H. Gaidoz, voici trente ans que M. Max- Müller—inventait la

famille des langues touraniennes dans la quelle il enfermait toute langue qui n'était ni aryenne ni semitique. Cela donnait une division symétrique des langues du monde entier en une triade de familles, aryenne, sémitique et touranienne. Malheureusement la variété de la nature ne se prête pas à une catégorisation aussi simple; la théorie touranienne—*dont aujourd'hui on ne parle plus*—ne sert qu'à embrouiller les idées, et à retarder les progrès de la science ethnographique.» (1) Como se illude Gaidoz!—O turanismo de que não se falla mais!....

Mal sabe o francez que alli na Europa, n'uma capital, vive ha quiuze annos um pretencioso professor atordoando toda a gente com os turanos. Para elle ha-os de toda a côr, brancos, vermelhos, pretos e amarellos.

(1) *Mélusine*—N.º 5—5 Aout—1884.

Depois de Frederico Müller, Schleicher, Sayce, Whitney, Renan, Hovelacque e trinta outros terem mostrado irrefutavelmente a impossibilidade de reduzirem-se a uma só família todas as linguas extra-semiticas e aryanas ; depois dos mais illustres anthropologos terem auxiliado os linguistas n'essa demonstração ; depois de Morton, de Nott, de Gliddon, de Broca, de Virchow, de Vogt, vir-nos ainda o Sr. Theophilo Braga atormentar com velhas momices, que fizeram o seu tempo, é con-tristador...

Hoje o nome turano é synonymo de ugro-finnico ou uralo-altaico e mais nada.

A velha patranha desapareceu.

Hoje falla-se d'ella como de uma doença que passou. « Já chegamos a ter uma *familia turana*, na qual havia-se reunido tudo o que não era *semitico ou aryano*, desde o turco e o ta-

mul até o chinez e o indiano dos Pelles-Verme-lhas.» São palavras do inglez A. H. Sayce, um dos grandes apaixonados pelo estudo do idioma accadico. (1) Pois bem; n'este abandonado ponto de vista acha-se ainda o encantado Braga. E para que se não pense ser algum exaggero de nossa parte, vamos citar os trechos em que elle filia ao seu turanismo toda a gente do antigo e do novo mundo que sae fóra dos aryanos e semitas.

Aqui vae uma léva: «... foi das raças nomadas da Alta Asia que se destacaram essas migrações que *entraram na Europa antes dos Indo-Europeus*, e que se conhecem pelo typo brachycephalo do *basco* francez; a coincidencia da dolichocephalia do *basco* hespanhol com o *berbere* como notou Broca, revela-nos tambem

(1) *Principes de Philologie Comparée*, trad. franc, Paris, 1884; pag. 82.

o caminho por onde o turanismo da Asia entrou no sul da Europa vindo através da Africa, onde uma parte estacionou.

E' por isso que se torna legitima a comparação das canções provençaes com os cantos *accadicos* e *chinezes*, bem como o phenomeno da persistencia da modinha *brazileira*, e o mesmo processo leva a grandes resultados approximando o romanceiro peninsular ou as *Aravias* dos cantos historicos ou *Jaravis do Perú.*»

Ahi estão bascos, berberes, *accadicos*, *chinezes*, provençaes e peruanos...

Mais outra multidão : «... a *Proto-Historia* deve comprehendere as civilisações rudimentares *Accadica, Kuschita, Mexicana, Peruviana, Etrusca e Chinezsa....* compete aos Ethnologistas o desenvolver a *Proto-Historia* pelo estudo comparativo dessas civilisações impropresivas, produzidas principalmente nas *raças tu-*

ranianas ou mais propriamente Scytho—Mongolicas.» Eis ahí—mexicanos, peruanos, kuschitas, etruscos, accadicos, chinezes, scythas e mongolicos...

Ainda mais.

« Entre os civilisações isoladas, que por esta condição se tornaram improgressivas, occupam um lugar importantissimo, depois do *Egypto e da China*, as duas civilisações do *Mexico e Perú...* devem ser estudadas antes do apparecimento das raças aricas, e sob um criterio comparativo, *como o vestigio mais completo da capacidade social do elemento turaniano.*» Ninguem se engane, alem de peruanos, chinezes e mexicanos, temos os egypcios..

Agora surge toda a multidão dos Pelles-Vermelhas :

« Esta circumstancia casual que conduziu Colombo á descoberta da America, explica-nos

tambem como o continente americano chegou a ser habitado por uma raça colonisadora, que nas suas expedições maritimas abordou inconscientemente á America pela corrente do Gulf-Stream. Essa *raça primitiva é turaniana*, e por isso os grãos do seu progresso, mythos, litteratura e arte, tem profundas analogias com as *creações do genio chinéz.*» E' a coisa; chinezes e americanos são da mesma laia, são irmãos, filhos do grande *Tur...*

Parece que estamos ouvindo um jesuita do seculo XVI, ou algum biblicista fanatico á maneira de lord Kingsborough !....

Novas legiões : «... a superstição de não bolir no lume com uma faca é *turaniana*, e por isso é commum aos *tartaros*, aos *Indios Sinx da America do Norte* e aos *habitantes da extremidade nordeste da Asia*, entre os *habitantes do*

Kamschatka.» Vejam bem : são os tartaros, os Sinx, e os kamschatckenses... Finalmente chega o resto da cabilda :

« Antes da civilização aryana existiu na Asia a civilização *turaniana*, que lhe serviu de base de desenvolvimento ; nos costumes do Mexico conservam-se tambem muitas formas communs ás raças *tartaras e basca*, que são de origem *mongoloide* ; além d'isso na Europa, os elementos *basco, turco, magyar e finlandez* são os restos da primitiva civilização *Proto-Historica turaniana.*» Que tal a lembrança do homem em dar-nos os *turcos e magyares*, povos modernissimos na Europa, como *restos de primitiva civilização* ? Ah ! Theophilo !

Por todas estas citações vê-se que Braga é ainda mais exagerado do que o proprio Max-Müller. Este ao menos para a explicação das semelhanças notadas entre povos do antigo e do novo continente recorria muitas vezes ao factor

humano, quero dizer, á identidade dos processos fundamentaes da humanidade por toda a parte. Braga iusurge-se contra essa concessão de Müller e mostra-se mais realista do que o rei. No proprio escripto que analysamos vem um exemplo d'esse rigorismo de turanidade orthodoxa da parte do maniaco açoriano.

E' o caso que o professor de Oxford narra-nos a existencia na Allemanha, India e America Central do conto dos dous irmãos, que, ao retirarem-se para fóra de seu paiz, planta cada um o seu arbusto como annuncio de sua prosperidade ou desventura, conforme o arbusto conservar-se viçoso ou murchar. Müller declara que bastam os recursos nativos e espontaneos do sentimento humano para produzir aquelle thema, ao mesmo tempo no antigo e em o novo mundo, sem ser preciso recorrer-se a relações pré-historicas entre tão afastados povos.

Braga, o mosarabe turanisado, pucha pelas orelhas do velho linguista, e grita-lhe : « Engana-se ! Deante da descoberta dos monumentos accadicos e da reconstrucção da civilisação *turaniana* a verdade está do lado da realidade historica ! » (Pag. XXXV) Forte paspalhão...

Vê o leitor qual é o turanismo do phantasiOSO Joaquim Braga ; é terrivel, é intratavel.

Vimos a sua extensão e intensidade. Será preciso refutal-o ? Digamos sempre algumas palavras. O turanismo do meu adversario não se funda em bases scientificas ; tem pelo contrario em seu desfavor todas as conclusões da sciencia contemporanea.

Effectivamente, a pretensão de grupar n'um só e grande todo as raças historicas e ante-historicas, que não são nem aryanas, nem semiticas, é um velho arrojo desajuizado.

Qualquer que seja o ponto de vista em

que nos colloquemos para classificar as raças humanas, ou nos baseemos nas formas craneanas, ou na côr e forma dos cabellos, ou na côr da epiderma, ou na physionomia, ou na côr dos olhos, ou nos caracteres linguisticos, ou nas qualidades mentaes, sempre e sempre será uma empreza absurda e irrealisavel a reduccão de tantos povos a uma raça unica.

Anthropologos, linguistas, e naturalistas estão n'este ponto de accôrdo.

O turanismo bragueano tem duas faces : a do velho continente e a americana.

No antigo continente a anthropologia, pelo orgão de Paulo Broca, reduzia á poeira uma das bases do systema, isto é, a velha ideia de Retzius, defendida por Pruner-Bey, da brachycephalia geral dos habitantes ante-aryanos da Europa.

Não será necessario transcrever para estas paginas os textos de Broca.

As *Memorias de Anthropologia* estão cheias de factos decisivos, de provas irrecusaveis contra a brachycephalia primitiva dos europêos, brachycephalia commun, ao que se afirmava, aos Finnezes e Bascos e representativa de uma velha raça generalizada pela Europa e da qual esses dous povos seriam os representantes actuaes.

Vejam-se especialmente os dous artigos capitaes—*Sur les caractères anatomiques de de l'homme pre-historique* (1) e *Les crânes des Eysies et la theorie esthonienne* (2) sem fallar nas memorias sobre os bascos.

Dos estudos do sabio anthropologista sae a confirmação na Europa de diversas raças pre-historicas, a começar por uma fortemente

(1) 2º vol. pag. 115 a 150.

(2) *Idem*, pag. 213 a 257.

dolichocephala e d'ahi por diante sempre este e o typo brachycephalo a succederem-se.

Bascos, por exemplo, ha-os de um e outro typo. As raças pre-historicas nos apparecem já tão baralhadas como as historicas.

Broca ridicularisou fortemente o *mongolismo* europeu de Pruner-Bey. (1)

A linguistica, por seus orgãos mais auctorisados, reconhece a impossibilidade de reunir n'uma só familia linguas isolantes, como o chinês, e polysyntheticas, como as dos americanos. A glottica admite apenas, no meio do infinito turanismo de Braga, o parentesco da pequena familia uralo-altaica.

Sobre a entrada de *accadeano* n'este grupo ainda se acham divididas as opiniões dos competentes. Sayce, por exemplo, pronuncia-se

(1) 2º vol. pag. 223.

a favor; Frederico Müller e Renan duvidam com força.

Esta gente ainda duvida e são sabios orientalistas, !... o nosso Theophilo não duvida mais; elle é dos diabos, sabe accadeano, basco, finlandez, magyar e turco de modo a espantar... E' ilhéosinho das Arabias.

Naturalistas, como Haeckel, tambem repellem o turanismo geral do velho mundo. (1)

Passemos á America. N'este ponto seria necessario acompanhar o açoriano quasi linha a linha ; porque os erros formigam aos cardumes.

O professor do Curso Superior de Letras é sectario do *asiatismo* dos povos americanos. Em favor d'esta these, gasta e imprestavel, não adduz um só argumento novo.

Revela-se pelo contrario pasmosamente atrazado em questões americanas.

(1) Vide na *Historia Natural da Creação* a classificação das raças humanas.

Anda-nos ainda a citar Prichard, como quem diz novidades. Os dous grandes argumentos novos a favor de asiaticismo americano, um tirado da ausencia na America dos anthropomorphos, gibbon, orang, gorillo, chimpazé, considerados como *primos* do homem, por descenderem de um ante-passado commum, o que dá o velho continente como a patria primitiva da especie humana, este argumento e o outro tirado do encontro n'America de artefactos de nephrite e jadeite, rochas não existentes em estado nativo sinão n'Asia, estes dous novos argumentos, digo eu, o professor portuguez ignora-os ainda hoje de modo radical.

O primeiro é uma applicação má da doutrina darwiniana ao problema das origens dos americanos.

Pode-se desviar o golpe, advertindo que até para o transformismo mais rigorista nunca

o homem foi considerado um filho, um descendente dos anthropomorphos.

E' apenas considerado um parente collateral afastado. Sinão é filho, tambem não é irmão ; é um primo em terceiro ou quarto gráo.

Sua existencia n'um ponto dado não implica necessariamente a apparição da longinqua parentela collateral.

Além de tudo o animal que Darwin suppõe ter sido o progenitor immediato do homem não foi ainda encontrado em parte alguma da terra. Lacuna, si ahi existe, não se dá só n'America, dá-se por toda a parte. A illação tirada contra o Novo-Mundo, como reino de creação, na phrase de Agassiz, é precipitada e improcedente.

A outra doutrina desenvolvida por Henrique Fischer, naturalista allemão de Friburgo, e adoptada ultimamente pelo Sr. Barbosa

Rodrigues, foi victoriosamente batida por A. B. Meyer, mineralogista em Dresda.

Jazidas de nephrite e jadeite foram encontrados na Europa, Asia, Oceania e no territorio de Alaska n'America. (1)

O Sr. Theophilo Braga desconhece tudo isto, ignora tambem radicalmente os trabalhos da escola de Morton, Nott e Gliddon e mete-se a fallar d'America e dos americanos com os velhos subsidios de Prichard... E' singular.

No proprio terreno dos pontos de contacto entre as civilisações da Asia e as da America o letrado portuguez nada sabe de proveitoso.

Acompanhemol-o. Depois de referir a clas-

(1) Vide nos ns. do *Patz* de 23 e 24 de Outubro de 1884 o nosso artigo—O Sr. Barbosa Radrigues e a questão da pedra nephrite: vide de A. B. Meyer o opusculo—*Die Nephritfrage kein ethnologisches Problem*, 1883. Tendo nós divulgado no *Patz* a theoria de Meyer, este sabio enviou-nos mais os quatro opusculos seguintes :—*Ein neuer Fundort von Nephrit in Asten*, 1883 ; *Ein zweiter Rohnephritfund in Steiermark*, 1883. *Ueber Nephrit und aehnliches Material aus Alaska*, 1884, *Rohjadeit aus der Schweiz*, 1884.

sificação das raças da America do Sul estabelecida por d'Orbigny e citada em Prichard, passa a dizer-nos que as raças da America do Sul são *brachycephalas* e as da America do Norte são *dolichocephalas*, facto analogo ao estabelecido por Broca entre os bascos francezes e hespanhóes :

« De facto as raças do sul caracterizam-se tambem pela sua *brachycephalia*, pela obliquidade dos olhos peculiar dos mongolios, tendo tambem numerosas analogias ethnicas com as raças nomadas da alta Asia. » (Pag, XXIX).

Torna a repetir na pagina seguinte : « Na America do Sul a *brachycephalia* tambem leva á comprehensão de analogias excepçionaes já observadas pelos authropologistas... » (Pag. XXX).

Diz Braga ter Broca achado serem *brachycephalos* os bascos do norte e *dolichocephalos*

os do sul; ter Morton provado serem dolichocephalos os americanos do norte e brachycephalos os do sul...

Que consequencias tira d'aquí o Sr. Theophilo? Que applicações faz ao seu turanismo? Eram os bascos francezes de uma raça diversa dos hespanhóes? Ou eram da mesma raça e cruzados com um povo differente?

Quanto aos americanos, que pensa, que pretende concluir o Sr. Theophilo? Os indios da America do Norte são os turanos, ou são os d'America do Sul? São da mesma raça, ou de raças diversas?

Para que desfigurar os factos, embrulhal-os sem vantagem, a ponto de tornal-os empresta-veis até para aquillo que se pretende defender?

O que o escriptor portuguez esconde, porque lhe convém occultar, são as condições dos estudos e experiencias de Broca e as suas

ideias fundamentaes. Attenda-me o leitor. Dizia-se geralmente no tempo em que o notavel anthropologista começava suas investigações: a Europa foi habitada antes dos arianos por uma raça brachycephala, e os bascos são um resto d'essa velha população. Veio Broca e interpoz o seu juizo fundado na observação. Não ha tal, retrucou elle, houve na Europa raças dolichocephalos anteriores aos arianos, e, quanto aos bascos, os do norte são brachycephalas e os do sul dolichocephalos; a theoria não tem razão de ser, por andar em desaccordo com os factos. Tal o resumo das doutrinas do sabio francez.

Ha quem tenha ido adiante de Broca e haja negado o valor das formas craneanas na classificação das raças humanas, desde que todos os typos se encontram entre brancos, negros, vermelhos e amarellos, bem como entre as raças pré-historicas e as actuaes em uma confusão e mistura inextricaveis.

Que fez Morton, o celebre polygenista americano ? Estudou o mais que pode os selvagens d'America do Norte, reconhecendo n'elles caracteres que os afastam das raças mongolicas a que são infundadamente filiados.

Quanto aos selvagens d'America do Sul, não os conheceu directamente, reproduzindo algumas informações inexactas de varios viajantes, entre outros de Spix e Martius, que, si foram distinctos botanistas e zoologos, foram muito mediocres anthropologistas. Em parte alguma dos seus escriptos o sabio anglo-americano usou dos termos da classificação craneana de Retzius, brachycephalia, dolichocephalia, mesaticephalia.... Em parte alguma estabeleceu jamais uma divisão dualistica sob aquelle ponto de vista entre as raças do norte e as do sul do Novo Mundo.

Em parte alguma estabeleceu o erro do

predominio da brachycephalia dos selvagens d'America do Sul.

E' este um ponto definitivamente esplanado pelos dois conhecidos discipulos brasileiros do grande Lund, Baptista de Lacerda e Rodrigues Peixoto. Dos interessantes estudos destes naturalistas sobre craneos antigos e modernos de selvagens brasileiros resalta irrevogavelmente o predominio da dolichocephalia n'America do Sul. (1) Sempre o contrario das affirmações gratuitas do arrogante portuguez.

Já vê o Sr. Theophilo que o velho Prichard, o atrazado antagonista de Morton, é hoje um pessimo guia. Creia que deve ter mais cuidado quando escrever sobre a America.

Temos aqui uma multidão de problemas

(1) Vide de Rodrigues Peixoto *Novos Estudos Craniologicos sobre os Botocudos*, e de Baptista de Lacerda *O Homem dos Sambaquis*, nos *Archivos do Museu Nacional*.

que andam agitados n'uma vasta collecção de livros que não são o *Selvagem* de Couto de Magalhães ou a *Historia Natural do Honem* de Prichard, as duas grandes fontes braguistas sobre os povos americanos.

E' um estudo psychologico interessante, e que deixo aos seus adeptos, verificar o motivo pelo qual Theophilo, suppondo-se muito adiantado, não passa do defensor de velharias caducas. Na ethnographia do Velho Mundo ainda é, como ferrenho bublicista, adorador da descendencia do phantasiado patriarcha *Tur*; no Mundo Novo acha-se no ponto de vista dos jesuitas dos seculos XVI e XVII.

E tem a coragem de fallar em Morton, no *indigenista* Morton, por citações desfiguradas de Prichard ! Diz o Sr. Braga que o naturalista americano reconheceu a sonhada *brachycephalia* dos habitantes d'America do Sul. Já

vimos ser isto um formidavel erro diante das investigações dos Srs. Peixoto e Lacerda.

Avança tambem que o sabio americano estabeleceu a *dolichocephalia* dos povos do norte d'este continente. E' um outro aleive levantado ao pobre Morton.

Nem este anthropologista poderia usar de taes expressões devidas a Retzius em epocha posterior á publicação dos *Crania Americana*, nem affirmou jamais semelhantes despropositos em desaccordo com os factos.

O illustre sabio foi adversario decidido do *mongolismo* dos americanos; foi justamente o chefe da escola que repelle as ideias agora desastradamente advogadas pelo escriptor portuguez.

Este, em sua perpetua precipitação,

ignora radicalmente as conclusões d'essa escola. (1)

Eil-as aqui, estabelecidas por Nott e Gliddon no cap. IX do celebre livro *Types of Mankind* :

« 1.^o—O continente americano foi desconhecido pelos antigos egypcios, pelos chinezes, pelos gregos, hebreus e romanos ;

2.^o—Por occasião do descobrimento este continente era povoado por milhões de homens que se pareciam e mostravam traços caracteristicos, moraes e physicos, inteiramente

(1). Vide *Crania Americana, or a comparative view of the Skulls of various aboriginal nations of North and South America, to which is prefixed an essay of the varieties of the human species*, by Samuel George Morton, 1839. É a obra inicial da escola indigenista nos Estados Unidos. N'esta mesma corrente de ideias, vide tambem—*Archæology of the United States, or Sketches, Historical and Bibliographical, of the Progress of Information and Opinion respecting Vestiges of Antiquity in the United States*, by Samuel H. Haven, 1856 ; e mais especialmente *Types of Mankind*, by J. C. Nott and G. R. Gliddon, 1857.

Braga não viu jámais taes obras nem por um oculo.

especies, e em perfeito contraste com os habitantes do velho-mundo ;

3.ª—Tas raças estavam cercadas por toda a parte de animaes e plantas especificamente distinctos dos do velho mundo, e originados indubitavelmente n'America ;

4.ª—Estas raças fallavam muitas centenas de linguas, que, approximando-se na estructura grammatical, distanciavam-se nos vocabularios, e eram radicalmente distinctas dos idiomas do velho mundo ;

5.ª—Seus monumentos, como se vê pela architectura, esculptura, ceramica, bancos de conchas, testemunham uma avançadissima antiguidade por sua extenção, disseminação e numero incalculavel;

6.ª—O estado de decomposição dos esqueletos dos *tumuli*, e, determinadamente, a estrutura anatomica particular do pequeno numero

de craneos restantes, provam que os constructores d'estas obras eram não só antiquissimos, como autochtones: porque os craneos americanos antigos e modernos não se parecem com os de qualquer outra raça antiga ou moderna ;

7.^a—Os indigenas americanos não possuíam nem alphabeto, nem verdadeiro systema de escripta phonetica ; não possuíam nenhum dos animaes domesticos, nem a maior parte das artes do hemispherio oriental ; suas plantas agricolas eram indigenas ;

8.^a—Seu systema arithmetico era unico em o genero ; seus conhecimentos astronomicos eram, sem a menor sombra de duvida, de origem cisatlantica, e seu calendario não se parecia com nenhum dos pertencentes aos povos antigos ou modernos do outro hemispherio.»

Taes as notabilissimas conclusões firmadas pela escola americana, que Joaquim Fernandes

jámais leu e só conhece de outiva ou de notinhas pilhadas doidamente pelas livrarias de Lisboa. E ter elle a petulancia de chamar em auxilio do *turanismo* a Broca em o Velho Mundo, quando este insigne anthropologista foi quem ali matou a velha tolice *turanisante* !. E ter elle a audacia de invocar n'America a favor da mesma idiotia a Morton, o notabilissimo adversario d'aquella molestia cá em nosso continente !... Um facto vale o outro. Não conheço em tudo quanto tenho lido em minha vida igual exemplo de desconcerto e charlatanice.

Aquillo já parece manobra de um espirito desmantelado.

Não ha uma só proposição do escriptor portuguez em sua celebre *Introdução* que seja estreme de erros e extravagancias.

Arrancamos-lh'as das mãos como folhas

murchas e jogamol-as aos ventos poeirentas e estereis.

Não foi um simples trabalho de reclamação e protesto pessoal. Ahi anda involvida uma importantissima questão de doutrina philosophica e scientifica.

Munido da brocha positivista e com o alcatrão de Lenormant e consocios, Braga faz todas as despezas de seus escriptos, preparando aquellas moxinifadas nos dominios da historia universal, da ethnographia, da politica, que atira das mangas ás duzias sobre o seu povo extasiado e boquiaberto.

De algum tempo a esta parte é a gente que Theophilo encandeizou e poz em perpetua contribuição.

D'antes, na phase coimbreense, outros supportaram os trancos d'aquelle malfadado compilador.

Ainda hoje, porém, o naturalismo transformistico, a doutrina darwiniana da evolução com suas largas intuições, que aviventaram todas as velhas ramificações da sciencia, anda a quinhentas leguas da cabeça do nosso açoriano. Ainda vive a coser a roupa velha de Littré com os trapos de Lenormant e Max-Müller!...

E é um tal homem que franze o sobr'olho e pretende corrigir o trabalho alheio... e em terreno que só deveria pisar descalço, porque para elle é sagrado, o terreno dos estudos americanos.

Ora va-se d'ahi para fóra !

E não o deixo já sahir sem dar d'elle uma ideia mais geral e perfeita.

VII

Vista geral sobre a obra do Sr. Braga.

FENTEMOS estabelecer uma idcia geral da personalidade espiritual do Sr. Theophilo Braga. As paginas que precedem, posto que forneçam um bem sufficiente peculio de noções sobre os sestros e manias escriptoriaes do decantado açoriano, são referentes a um caso particular, e só por si não determinam bem nitidamente a posição d'aquelle auctor na actual litteratura portuguezá. E' preciso secundal-as com outras notas, com outros traços mais significativos.

O Sr. Joaquim Theophilo, si não pertence á velha geração litteraria, que em Portugal ianugurou e desenvolveu o romantismo, geração por elle proprio tão duramente tratada, não faz tambem parte da moderna pleiada que sustenta actualmente os encargos litterarios do velho reino.

Tem hoje perto de cincoenta annos e fazem já trinta que appareceu sua primeira obra. E' uma figura de transição.

Finge estar só em campo em pról de um certo numero de ideias, quando a verdade é achar-se elle cercado de um grande numero de espiritos mais reflectidos, mais ponderados, e em geral possuidores de uma instrucção mais solida e mais methodisada.

Para não fazer uma carta de nomes proprios, é bastante citar Anthero do Quental, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Eça de

Queiroz, Guerra Junqueiro, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcellos, Adolpho Coelho, Luciano Cordeiro, Joaquim de Vasconcellos, F. Nogueira, Gomes Leal, não esquecendo o velho Latino Coelho, o fallecido Guilherme de Azevedo e vinte outros.

De todos estes separa-se por qualidades especialissimas ; porque são propriedade sua ; ninguem mais as possui. Ha apenas a lastimar que semelhantes qualidades não sejam vantajosas e eminentes.

São, pelo contrario, acabrunhadoras e depreciantes.

De todos não é o que tem mais lido ; mas é o que tem mais escripto. Esta circumstancia merece apreciação especial ; porque a ella deve o Sr. Theophilo Braga a apparente superioridade que desfructa aos olhos dos espiritos superficiaes.

A quem, porém, o estuda reflectidamente, e mergulha n'aquelle pelago de plagiatos, de contradições, erros, obscuridades, disparates, contra-sensos, que enchem os noventa volumes de sua desmantelada obra, bem salientemente se impõe a certeza de ser aquella falsa qualidade um tremendissimo defeito, causa primordial da sua positiva mediocridade.

E não é só escrever muito e precipitadamente. Pouco seria, si fosse n'um ou dois assumptos, n'um ou dois ramos da sciencia e da litteratura.

O mais singular é fazel-o em muitos ramos e por diversos lados.

A historia não mostra um só polygrapho que fosse deveras eminente.

Os genios e os grandes talentos foram sempre naturezas unitarias, exclusivistas, salientadas n'uma ou duas faces do espirito.

Ainda mais, todos os notaveis escriptores definiram-se sempre n'uma ou duas obras capitales, n'uma ou duas creações definitivas.

E os mais fecundos, os que escreveram mais profusamente, o fizeram n'um ramo determinado : litteratura, historia, philosophia, critica, sciencia, etc.

Quando se nos depara um homem d'estes no caminho, sabemos immediatamente com quem vamos tratar, ou elle se chame Darwin e tenha escripto quinze volumes de historia natural, ou Victor Hugo e haja deixado cincoenta volumes de poesia, drama e romance.

Si o escriptor foi mais indeciso, procurou por mais tempo sua direcção, esta appareceu em fim e bem a geito de defini-lo de todo, ou elle se chame Sainte-Beuve, sacrificando a principio á poesia, ao romance, á historia e encarreirando depois definitivamente na critica;

ou seu nome seja Alexandre Herculano, e começasse pela poesia e pelo romance para acabar pela historia.

Não assim o Sr. Theophilo Braga. Não é bem possível dizer por onde principiára, nem por onde ha-de acabar.

Quando em 1857 publicou aquelle mostrengo que se chama *Folhas Verdes* suppunha-se que a poesia seria o campo de sua acção. Perfeito engano. Continuou a martellar-nos com a poesia por imitação a certos collegas, especialmente Quental, e foi logo alirando-se ás tradições populares e á historia litteraria. Tudo sem medida e aos trambolhões.

Pouco depois chegou a vez do direito, da grammatica, da politica, da philosophia, da ethnographia e da historia universal.

Escusa dizer que o escriptor não tinha

preparação especial em nenhuma d'essas disciplinas.

Seu processo consistiu sempre e sempre em ler tumultuariamente obras de varias materias munido de papel e tinta a tomar notas e a copiar trechos e trechos. Estes são guardados em pastas especiaes, conforme a materia de que tratam, e quando uma pasta acha-se volumosa dá logar a um livro. A respeito collegas ou antigos discipulos de Braga nartam cousas singularmente interessantes. Tal é, por exemplo, o caso da leitura das *Origens do Direito Francez* de Michelet e da *Symbolica Juridica* de Chanssang que lhe valeram logo um livro intitulado *A Poesia do Direito*.

Mais censuravel ainda é a petulancia de ler *As Primeiras Civilisações* e a *Historia Antiga dos Povos do Oriente* de Lencrmant e, sem mais nada, sem preparação adequada, jogar na

rua as decantadas *Civilizações Turanianas*; ler a *Historia Geral das Linguas Semiticas* de Renan, e atirar pela janella *As Civilizações Semitas*.

N'este genero e por este gosto são todos os seus livros. Alguns são plagiatos vergonhosos de principio a fim.

D'esta especie é a *Bibliographia Camo-
neana*, impingida por occasião do centenario do autor dos *Luziadas*, copiada inteiramente dos *Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro*. Nada, porem, como o caso da *Grammatica Portugueza* e dos *Traços Geraes de Philosophia Positiva*.

O primeiro é assim :Adolpho Coelho tinha chegado ao reino e começava suas primeiras publicações nos dominios da philologia portugueza.

Era em 1867 ou 68. Braga ficou sobre-saltado. Indagaram d'elle os seus asseclas si

conhecia a materia. « Tanto quanto é preciso para calar-me... » foi a resposta. Mais d'ahi a vinte ou trinta dias apparecia aquelle horror que na nome *Grammatica da Lingua Portu- guezza...*

Brachet, nas mãos de um crasso ignorante da glottica romanica, tinha sido o pae do monstro.

Cousa semelhante deu-se com o positivismo.

O nosso homem tinha sahido da Univer- sidade n'um transcendentalismo nebuloso e phantasmagorico, impossivel de determinar e definir. Ainda em 1872 achava-se affectado da molestia; uma circumstancia fortuita fel-o mu- dar de rumo.

O aferro a certas ideias tinha-lhe vindo de algumas palavras lisongeiras que, illudido, lhe dirigira o phantastico Michelet.

A passagem inesperada para o positivismo

proveio de facto semelhante. Levado não sei por que manejo illusorio, o velho e bondoso Littré dirigio-lhe alguns termos de animação. Tanto bastou para o homem agitar-se. Era n'umas ferias do Curso Superior de Lettras; o professor partio em *villeggiatura* para uma das cidades proximas a Lisboa, levando um ou dois livros da nova philosophia, que lhe era totalmente desconhecida.

Fiel ao seu systema de thesoura, quando voltou d'ahi a dois mezes a reabrir o curso, o homem trazia na algibeira os *Traços Geraes de Philosophia Positiva*. Littré, na parte geral e Luys e outros, na parte physiologica, foram os fornecedores daquelles *Trapos de Philosophia*, na phrase de Camillo Castello Branco. Por igual methodo e systema têm sido organisados todos os livros do Sr. Theophilo Braga. Obedecendo ás inspirações da musa mercantil e industrial,

seu alvo quasi exclusivo é atirar ao mercado os livrecos, como outros lançam nelle pipas de vinho ou caixões de batatas. Não é preciso muito esforço para descobrir os defeitos de tal regimen e de semelhantes obras. Saltam aos olhos.

O escriptor não preparou-se methodicamente e não fez escolha consciente de um caminho. Nunca chegou a concretisar-se n'uma obra definitiva e capital; nem tem até uma feição caracteristica. Tentou a poesia, o conto, a critica litteraria, a politica, o direito, a philosophia, a historia, a oratoria, a ethnographia, e afinal não occupa um logar saliente ou apenas determinado em alguma dessas disciplinas e manifestações espirituaes. A elle não cabe em verdade e justiça o nome de poeta, nem o de novellista, nem o de critico, nem o de jurista, nem o de philosopho, nem o de his-

toriador, nem o de orador, nem o de ethnologo. E' bem verdade que o escriptor que hoje em dia intenta fazer uma obra original, escolhendo um ponto restricto da immensa area das manifestações intellectuaes, deve preparar-se fortemente em todas aquellas materias que entretêm relações intimas com o ponto particular que foi escolhido. Tomemos por exemplo dois dos escriptores mais correctos, mais profundos e mais elegantes deste seculo, Agostinho Thierry e Theodoro Mommsen.

Quantos estudos de linguas, de litteratura, de ethnographia, de jurisprudencia, além da parte technica das chronicas e documentos originaes, não teve de fazer o insigne Thierry para escrever a *Historia da Conquista da Inglaterra pelos Normandos*, ou as *Narrativas dos Tempos Merovingios*, ou a *Historia do Terceiro Estado*? E, todavia, semelhantes obras

não saem do apertado circulo da idade media em França e Inglaterra... Que de estudos de linguas, de archeologia, de artes, de jurisprudencia, de politica não fez Mommsen para escrever a *Historia Romana*, ou o *Direito Publico dos Romanos*, ou os *Dialectos Antigos da Italia*? E, entretanto, estas, e outras notaveis obras, referem-se ao circulo limitado da antiguidade romana... São taes obras dos dois grandes mestres livros originaes, firmados em pesquisas novas, pessoaes, directas dos seus auctores. Não foram copiadas, como a singular *Historia Universal* de Braga, dos livros dos antecessores...

Os defeitos, dizia eu, de tal systema pulam diante de nós.

Os principaes são os seguintes: a precipitação que retira a confiança do leitor; as contradicções constantes no correr de um mesmo

livro e especialmente de um livro para outro ; os plágios descarados que só escapam a quem não possúe leitura alguma ; a falta de unidade de vistas, de ideia dirigente, que abranja e anime a obra em sua totalidade ; a confusão permanente na maneira de expôr e esplanar as doutrinas ; finalmente, o desalinho e a incorrecção perpetua do estylo.

Não se deve esperar de mim que vá ter a pachorra de percorrer agora o montão de livros do decantado Joaquim para provar cousas que a qualquer leitor medianamente habil não escaparão. E' bem verdade que em prologos postos agora a frente dos novos livros, elle intenta illudir aos leitores, proclamando falsamente unidade de vistas e de planos em todos os seus livros, desde os primeiros apparecidos em Coimbra. E' uma audacissima artimanha jogada conscientemente ao bom senso geral. E'

um meio irrisorio de libertar-se de uma censura veracissima que lhe é feita a cada momento.

Eu bem sei que quasi toda agente teve em seus começos uma doutrina e depois passou a outra. Mas isto é muito differente de ter uma para cada livro, ou mais de uma para um só livro conforme o autor que nos inspirou ou de que nos aproveitamos na occasião. O esforço de Theophilo para affectar unidade em sua vida espiritual e em sua obra é certamente um resultado morbido. Bote a carga ábaixo e falle a verdade, como diz o povo.

Dividamos os livros do afadigado açorianho em quatro cathogorias—poesia, folk-lore, historia litteraria e excursões em dominios diversos.

Em todas ellas encontram-se argamassados os defeitos braguianos.

Na poesia sua obra tem o rotulo de *Epo-*

péa Cyclica da Historia. Não existe em litteratura alguma obra menos espontanea e menos artistica.

E' uma producção massuda, escabrosa, calculada, feita com esforço e friamente. Os melhores poetas portuguezes d'este seculo, os espiritos verdadeiramente poeticos e artisticos escreveram um ou dois ou raramente tres pequenos volumes de poesias. Braga longe d'isto. E' o talento de menos seiva e naturalidade e a tal *Epopea Cyclica* anda já por cinco ou seis volumaços. O plano é absolutamente falho de originalidade ; é imitado da *Legenda dos Seculos* de Victor Hugo. Foi começado n'um espirito ultra- metaphysico em a *Visão dos Tempos*, acabando em espirito contrario nas *Miragens Seculares*. O meio anda em desharmonia com o fim e o principio. Começa pelo que elle chama a *antiquidade homerica* e logo no primeiro li-

vro include assumptos modernos... No livro seguinte volta á antiguidade e trata dos romanos. Nos outros o plano é sempre falho de ordem até o ultimo livro, que encerra todas as epochas e acha-se em contradicção com todos os outros...

Isto só encarando a decantada *Epopéa* pela face extrinseca do plano. O miolo é parvo, quando não é de uma mediocridade lastimavel; não tem idealisação, calor e vida nativa. A imaginação é parca, o retrato das epochas indeciso e falso. Não posso descer a detalhes n'esta apreciação geral. Basta-me estabelecer que a obra metrica de Braga é informe, pesada, contradictoria, e plagiada em seu piano geral de Victor Hugo.

Ainda ia em meio a confecção da *Epopéa Cyclica* e já principiava o nosso auctor as suas publicações nos dominios das tradições popula-

res. De tudo quanto ha apprehendido e realisado é o que ainda assim merece alguma attenção.

Esta, porem, só e exclusivamente se prende á parte pratica da collectanea ; porque a parte theorica é detestavel. Encerra todos os defeitos de Braga e mais alguns, si é possivel.

A publicação foi levada a cabo a grandes intervallos e tumultuariamente. Não houve methodo.

O Sr. Theophilo principiou pelos *cantos populares* ha uns vinte annos ou mais, e começou no espirito de um litteratismo turbulento e vasio na sua indisciplina. Era um romantismo temivel, eivado de caraminholas phantasmagoricas. N'esse tempo elle nada sabia de pre-historia, de critica religiosa, de mythographia, e de ethnographia. Não sabia, nem procurou saber ; porque, na sua perenne presumpção, creê

andar sempre *au courant* de tudo e julga que a verdade está irremediavelmente com o livro que leu na vespera. Garrett, Varnhagen, Quinet, Du Meril, e Duran foram os inspiradores principaes do homem.

N'esse tempo elle ignorava absolutamente, o valor dos *contos populares* e só vinte annos mais tarde, por imitação a outros que o antecederam n'este ponto, sahio-se com a sua collecção quasi toda copiada de collectaneas anteriores. Em todo caso, o espirito nos *Contos Tradicionaes do Povo Portuquez* é antagonico á intuição que presidiu ao arranjo e amanho do *Romanceiro* e *Cancioneiro*.

Entre os *Contos* e esta ultima obra figura como de Braga a collecção dos *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, que não pertence ao professor de Lisboa. Corre mundo com seu nome, tendo sido arranjada por um amigo resi-

dente nas ilhas. Semelhantemente lá no reino os meus *Cantos e Contos do Brazil*, segundo consta, passam por obra de Theophilo!...

A' serie de publicações sobre o *folk-lore*—pertence o moderno livro *O Povo Portuguez em seus costumes, crenças, etc.*

Esta obra e a *Introdução aos Contos Tradicionaes*—são escriptas no mesmo systema tumultuario, obscuro e de rapinagem de todas as suas parentas anteriores. Os inspiradores é que são outros.

Apparece a solução positivista, dissolvendo especialmente Tylor, Charrière, Joubainville, e o indispensavel Lenormant. E' a alliança do positivismo com o que ha de menos positivo na vida o *turanismo*.

Nas primeiras publicações sobre o *folk-lore* de sua patria a grande molestia do autor era a do *mosarabismo*, que examinaremos um pouco

adiante quando fallarmos da *Historia da Litteratura Portugueza*.

O que deve sobretudo ficar definitivamente fixado é haver acontecido ás publicações de *folk-lore* o mesmo que succedera ás poesias : começaram n'um sentido e acabaram n'outro em completo estado de polaridade. O sestro de trasladar trechos e trechos alheios é sempre imperturbavel.

No livro recentissimo *O Povo Portuguez em seus costumes*, etc. só este seu criado e obrigado não menos de oito vezes mereceu a visita do activissimo compilador. (1)

A Historia da Litteratura Portugueza seguiu uma rota mais desconchavada ainda. Foi iniciada na mocidade do escriptor e quando elle não tinha preparação alguma. O auctor não teve em principio o plano de escrever a

(1) Vtde o *Appendice* no fim d'este opusculo.

historia da litteratura de seu paiz ; publicou ac-
casso um ou outro estudo destacado sobre uma
ou outra epocha. Mais tarde veio-lhe a lem-
brança de enfeichar tudo aquillo sob o titulo
de *Historia da Litteratura Portugueza*.

Não houve um plano regular, nem uma
ideia dirigente, nem sequer foi guardada a ordem
chronologica.

Apparecia hoje um volume sobre o seculo
XV; mais logo outro sobre o seculo XIX; pouco
depois surgia um referente ao seculo XVI ;
mais tarde vinha uma *Introduccção* geral,
depois uma *Theoria*... Uma balburdia !

Isto pelo que diz respeito á ordem geral
do plano e disposição das materias. Pelo que
se refere ao fundo, ao amago da obra, é insigne
de obscuridade e desconchavos.

Não é só a falta de ordem e de uma dou-
trina que se nota ; fica-se envolvido n'um tur-

bilhão de contradicções e perde-se o fio dos acontecimentos. Junte-se a isto a falta absoluta de pittoresco, de arte no estylo, a ausencia completa do talento de narrar e do talento de caracterisar os grandes typos, dotes que o Sr. Theophilo não possui em qualquer dose, e ter-se-á uma ideia exacta d'aquelle montão de livros, que se chamam a *Historia da Litteratura Portugueza*.

Não é possível descer a minudencias e apreciar as grandes ratonadas de Braga sobre Gil Vicente, sobre Sá de Miranda, sobre Camões, sobre Bocage, sobre Herculano, e as respectivas épocas. E' bastante caracterisar a feição geral da obra. A quem a lê em sua totalidade não escapam as seguintes notas, além das já apontadas: não possui uma doutrina ethnographica determinada, nem uma philosophia certa.

Tratando da influencia dos diversos povos

na constituição da nação portugueza, quando o autor se refere aos romanos parece que elles é que fizeram tudo ; quando se reporta aos celtas parece que estes é que tudo produziram; quando se dirige ao godos parece que esses tudo praticaram.

E' uma confusão inextricavel. Esta confusão augmentou com duas invasões especiaes. A primeira foi a da celebre *raça mosarabe*. Nada mais burlesco do que esta phantasia ridicula do Sr. Theophilo Braga.

O illustre Alexandre Herculano, espirito claro, lucido, penetrante de historiador, alliado a um verdadeiro temperamento de artista, havia em seus estudos sobre a historia de Portugal despertado a attenção da sciencia sobre a classe popular que teve na idade media o nome de *mosarabes*. Braga, em suas excursões pelos livros do grande escriptor, topou com os mo-

sarabes; tanto bastou para desnortear-se por uma vez. Deu logo proporções assombrosas a tudo e atirou nas ruas de Lisboa aquelle espantallo que ha nome *Epopéas da raça mosarabe!*... Ainda hoje anda a gente a procurar as taes epopéas e a tal *raça*... Ninguem as viu ainda, pela singularissima razão de que nem uma nem outra cousa existiram jamais... Os pobres *mosarabes* de Herculano tinham servido de *réclame* ao Sr. Joaquim Fernandes Theophilo Braga. E não foi este só o serviço prestado pelo venerando escriptor a quem o devia massacrar depois de morto. Muitas cousitas ha nos livros de Theophilo que são filhas legítimas do auctor de *Eurico*...

O livro sobre *Garrett e os dramas modernos*, por exemplo, é tirado em boa parte de escriptos de Herculano insertos nas *Memórias do Conservatorio*.

Quando o nosso açoriano entra a mimosar-nos com os *mosarabes*, é um Deus nos acuda, é um não acaba mais; parece que Portugal inteiro não teve outra gente, e tudo alli foi oriundo de tão feliz prole.

A outra invasão, que chegou ainda a tempo de entrar pela *Historia da litteratura portugueza* a dentro e augmentar a já terrivel confusão, foi a do tão refutado *turanismo*.

Ja conhecemos este bicho e é inutil dar-lhe novas pancadas.

De certa epoca em diante os *mosarabes* descançaram, e da penna do escriptor não se ausentaram mais as palavras: *turanos*, *negroides*, *mongoloides*, *berberes*, *brachycephalos*, *dolichocephalos*, *civilisações isoladas e improgressivas*.... Parecem esconjuros de algum feiticeiro do monte Atlas, ou gatimanhos de algum *trogloodyta* anterior á *proto-historia*...

Não esquecer que aquella ideia de civilizações *isoladas*, que não só desenvolveram e ficaram *improgressivas*, é de Littré no seu plano de historia universal que ficou irrealizado.

As fontes do *turanismo* bragueano são já conhecidas e não insistirei n'ellas, ficando apenas agora lembrado que esse trambolho *turaniano* veio dar á *Historia da litteratura portugueza* um remate ethnologico em desharmonia com o principio e o meio da obra.

Não tem ella, por outro lado, disse eu, uma philosophia certa. O auctor passou de um metaphysicismo pseudo-hegeliano, um gnosticismo palavroso e imponderavel, ao semi-positivismo de Littré, que elle agora estolidamente procura de passagem conciliar com o monismo, que lhe é totalmente desconhecido; pois só lhe sabe o nome.

A impressão em summa que se tira da

leitura da *Historia da litteratura portugueza* é atordoadora e deprimente ; é um trabalho forçado do espirito ; porque a obra é pesada como uma pedra enorme e tosca.

Notabilissimos escriptores em dois ou tres pequenos volumes encerraram a historia de litteraturas riquissimas. E' o caso de Julian Schmidt, com a litteratura franceza desde a Revolução, de Hermann Hettner, com a litteratura do seculo XVIII, de Luigi Settembrini, com a litteratura italiana, e do proprio Taine, com a litteratura ingleza até Byron.

E que livros serios, meditados, profundos e vivaces !

A sciencia e o *savoir dire* dando-se mutuo apoio. Nenhum d'aquelles mestres sae do seu assumpto. Em Braga nada d'isto. Entra logo a querer revolver meio mundo e a mostrar que traz o sacco cheio de notas de toda a parte.

Si o pedantismo é a exhibição de sciencia inca-bida, Theophilo é o rei dos pedantes. E oxalá fosse verdadeira sciencia e adquirida a esforços proprios ! Não d'aquella que faz o nosso auctor, exhibição impertinente de notas tomadas sem criterio, trabalho hoje facillimo e praticavel por qualquer collegial paciente, e tolo no meio de toda a sua paciencia.

Settembrini em tres volumes narra a historia da litteratura italiana desde a formação da lingua até aos nossos dias. E não é um d'esses rezumos como por ahi se fazem, crivados de lacunas. E' um livro forte, vibrante, cheio de vistas originaes e de profundos pensamentos.

E' um homem que assimilou o seu assumpto. Garanto que o professor italiano não era homem de notas. Esta qualidade de gente lê para saber e o seu caderno de notas é a ca-

beça ; quando tem impetos de escrever, o que não apparece constantemente, senta-se á mesa sem livros e sem rascunhos e apontamentos.

O que sae vem direito ; porque vem da reflexão, está assimila-lo e traz o sello da personalidade. Esta especie de gente em trabalhos de criação e de exposição doutrinaria cita pouco e quasi sempre de memoria, verificando depois a exactidão. Em trabalhos de critica apenas os trechos indispensaveis para dar a conhecer os erros ou os factos estabelecidos pelo auctor apreciado.

Em Braga muito pelo contrario. E' uma saraivada de citações e referencias de estatelar e em rigor devia aspar e sublinhar quasi tudo, porque quasi nada é d'elle.

Em toda a enorme *Historia da litteratura portugueza* não ha a pintura de uma epoca,

o retrato de um auctor, um simples esboço, uma *silhouette* siquer, que se possa apontar como um exemplo, um modelo do genero.

O homem anda perdido na *proto-historia*, e nos *brachycephalos e dolichocephalos*. Quem o livrará de semelhante mania !....

Não fallemos já nos erros de detalhes, nos contrasensos e patacoadas que se nos deparam nas paginas da interminavel historia.

Nem recordemos as engraçadas occurren-
cias do autographo attribuido a Camões, a
contradança dos parentes do grande epico, e os
adjutorios de Gomes Monteiro que entram nos
dominios da pura pilheria. Não esquecer porem,
porque isto é capital, que na confecção do livro
muita cousa foi copiada de F. Denis, Garrett,
Varnhagen, Costa e Silva, Herculano, visconde
de Juromenha, Freire de Carvalho, Innocencio
da Silva, e do lembrado Gomes Monteiro.

Taes são em sua physionomia geral as tres grandes collecções de livros principaes do literato de Lisboa.

Quanto ás excursões no districto da linguistica, do direito, da bibliographia, da historia universal, da ethnographia, etc, têm sido ellas a origem e a occasião de productos hybridos, como a *Grammatica* tirada de Brachet, a *Poesia do direito* tirada de Chassaing e Michellet, os *Estudos da idade media* tirados de Camparetti e outros, a *Bibliographia camoneana* tirada dos Annaes da Bibliotheca do Rio de Janeiro, a *Historia universal* tirada de Lenormant e Renan, os *Traços de philosophia positiva* e a *Sociologia* tirados de diversos livros do genero. Differentes artigos sobre as populações primitivas da peninsula iberica, nomeadamente aquelle que appellidou *Elementos da nacionalidade portugueza*, embroglio insupport-

tavel, hão tido por principaes colaboradores Charrière, Joubainville, Bergmann, Belloguet, e o sagrado e indefectivel Lenormant...

N'este ultimo producto teve a audacia de negar a parte essencial e matriz do latim na formação das linguas *novo-latinas*, só pelo sestro de copiar umas observações desparatadas de Charrière. Não é, porem, nosso intento absolutamente discutir, n'este ponto, as ideias alheias estropeadas pelo Sr. Theophilo Braga. Podel-o-íamos fazer, si não tivéssemos outra occupação. Que podíamos, ja lhe demos uma amostra na analyse minuciosa a que submetemos, quasi linha por linha, o decantado artigo *Sobre a novellistica brazileira*. Igual processo applicado ao montão de livros do auctor levar-nos-ia muito longe e o melhor meio de tratar a gente da vida não é por certo ficar para um

canto desconjuntando os livrecos do Sr. Theophilo Braga.

Concluamos resumindo :

O Sr. Theophilo Braga é um polygrapho ; mas um tal que não possúe uma face predominante, uma carateristica determinada. Na poesia, no folk-lore, na historia litteraria, na historia politica, na historia universal, na ethnographia, na linguistica, na philosophia, e até no conto, em traducções de romances e confecções de parnasos e livros de aulas, em tudo isto elle se meteu e procurou um logar. Em parte alguma deixou a impressão de um espirito poderoso e verdadeiramente superior.

Deixou apenas a impressão de sua actividade ; mas uma actividade indisciplinada e tumultuaria, uma actividade negativa e em mais de um ponto perniciosa.

Sua obra é consideravel pela quantidade

e vulgarissima pela qualidade. Dá-se por um espirito original, e nada menos é do que isto ; refere-se a miudo ás *suas doutrinas*, que todas são no genero e no gosto da galharda theoria da *raça mosarabe*, ou da gaiata theoria sobre *mythos e contos*, que deixamos indicada. Tem leitura, porem não tem sciencia. De estylo é zombaria fallar, tratando-se d'elle...

No meio de tanta agitação não se poderá dizer ao menos que foi um propagandista ?

Sim ; mas sem as qualidades dos bons propagandistas ; porque estes são simples, attractantes, despidos de sestros escolares e arreganhos de pedagogo, possuem um estylo fluente e claro e trazem as ideias perfeitamente assimiladas, systematisadas. E' o que não se deu jamais com o Sr. Th. Braga. Mas emfim é um propagandista a seu modo ; porque não deixa de sel-o quem em rigor é um compilador activo e incansavel, ainda que quasi sempre despido de geito e fino tacto.

FIM

APPENDICE A' PAGINA 141.

 As obras; minhas que tiveram as honras das visitas do Sr Th. Braga são a *Introdução á historia da litteratura brazileira* e os *Estudos sobre a poesia popular do Brazil*. Aquella é quasi desconhecida; porque teve a tiragem limitadissima de duzentos exemplares; a outra até hoje não sahiu das paginas da *Revista Brazileira*, onde foi publicada aos pedaços. Quando tirar, si algum dia puder, novas edições de taes livros, ha-de haver com certeza

algum ignorante ou malvado, que me aponte como plagiario do Sr. Joaquim Braga.

Trato, por tanto, de precaver-me em tempo.

Os *Estudos* sahiram na *Revista Brasileira* em 1879 e 80; a *Introducção* é de 1882.

O livro do Sr. Braga—*O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições* é de 1885. As *capiangagens* do decantado escriptor europeu orçam por dez ou doze e são de tres cathogorias: 1ª fazer o que se pode chamar citações *cavillosas*; 2ª apoderar-se de factos e notações sem indicar a origem em que os foi colher; 3ª apossar-se de citações e observações feitas sobre auctores nacionaes e dal-as como proprias, como filhas de suas pesquizas.

Apreciemol-as e comecemos pelas primeiras, as mais simples. Reduzem-se apenas a duas, e apparecem no livro subrepticamente, como a

mêdo, e na intenção manifesta de salvaguardar-se o homem, deixando n'um logar do livro o nome das obras postas em contribuição, *sem o nome do auctor.*

Cada uma das obras teve seu logarzinho reservado e já no fim do livro... Este é em dois volumes; o 1º tem 416 e o 2º 546 paginas.

A Introducção á historia da litteratura brasileira foi em oito ou dez logares dos dois volumes posta em contribuição e só apparece á pag. 349 do 2º vol. em nota e sem que se diga de quem é semelhante trabalho. Pode haver mais de um com este titulo....

Com os *Estudos sobre a poesia popular do Brazil* a ingratição ainda é mais dura.

Postos em serviço mais de uma vez nos dois volumes, só á pag. 414 do segundo é que apparece uma indicação cavillosa... E' assim : « Na *Revista Brasileira* lê-se : —um magote

de individuos, sempre acompanhados de grande multidão, etc. » Dos pobres *Estudos* não apparecem nem o nome da obra, nem o do auctor...

« *Na Revista Brasileira lê-se...* » Reparem bem a cousa : « *Na Revista Brasileira lê-se...* »

Porém n'esta Revista escreveram mais de cem pessoas ; vá-se lá saber de quem é o trecho transcripto materialmente pelo Sr. Theophilo. Bem se vê que elle deixou nas 960 paginas de seu livro aquellas duas falhas e gaitosas indicações das duas obras que entre muitas outras compilou para desculpar-se mais tarde, si preciso fosse. Tira-se a torto e a direito de um livro e falla-se accidentalmente n'elle n'um ponto secundario, para fazer crêr ter sido só este o ponto aproveitado, e busca-se calar a bocca do auctor, fingindo-se não ter havido in-

tenção de calar, tanto que n'aquelle determinado logarzinho acha-se a obscura indicação l...

Deixemos, porém, as duas *citações enygmaticas e habilidosas*, e digamos da indole e natureza das outras visitas aos meus livros.

A appropriação de factos e noticias, sem indicação da fonte onde os foi beber, occorre, por exemplo, no 1º vol. á pag. — 400: « Estas danças *baixas* têm varios nomes no Brazil— *chiba* na provincia do Rio de Janeiro, *samba* no norte, *cateretê* em Minas Geraes, *fandango* nas provincias do sul. etc.» Seguem-se uns dizeres bre o *bahiano*... Tudo isto é tirado quasi *ipsis verbis* dos *Estudos sobre a poesia popular do Brazil* sem ao menos a impagavel declaração:— *Na Revista Brazileira — lê-se...*», Ainda mais, á pag. 257 do 2º vol. quando falla, nas festas populares do Brazil por estas palavras: « Nas festas populares do Brazil as danças fazem-se

percorrendo varias cazas, etc.» tal notação é tirada dos referidos *Estudos* sem ao menos a singular indicação.

O mesmo se dá á pag, 246 do 2º vol.— na referencia que faz aos *sebastianistas da Pedra Bonita* em Pernambuco.

E' ainda dos meus *Estudos* sem a sinceridade da referencia.

O outro delicto, que se me antolha mais grave do que os precedentes, a saber, apoderar-se de citações e observações feitas sobre auctores nacionaes, dando-as como de labor proprio, repete-se com relação aos meus dois escriptos oito vezes. N'este manejo a *Introdução á historia da litteratura brazileira* é a mais prejudicada.

Os assaltos são os seguintes: 1º no 1º vol., á pag. 19 sobre *Santa Rita Durão* e as *cantigas tradicionaes* dos indigenas do Brazil; 2º *idem*,

pag. 390—sobre *Cardim e a dança de meninos indios no Rio de Janeiro, no fim do seculo XVI*; 3° *idem*, pag. 400—sobre as *Cartas Chilenas e o character lascivo das danças populares brasileiras*; 4° *idem*, á pag. 408—sobre *Cardim e o irmão Barnabé e o seu birimbáu*; 5° no 2.º vol. á pag. 414—sobre *Celso de Magalhães e o Bumba meu boi na Bahia*; 6° *idem* á pag. 481 sobre *Cardim e a representação do Dialogo de São Sebastião*—no Rio de Janeiro no seculo XVI; 7° *idem*, á pag. 434—sobre *Gonzaga e o uso dos contos nos serões*; 8° *idem*, pag. 492 sobre *Silva Alvarenga e alguns livros de litteratura de cordel*.

E' muito interessante este facto do appropriation das citações feitas por outros escriptores no Sr. Theophilo Braga. Vem revelar-nos um dos segredos da aparentemente assombrosa erudição d'esse decantado senhor, e vem con-

firmar o celebre systema das *notas* nas leituras do famoso ilhéu.

Elle não se limita a pilhar trechos e trechos de um dado auctor que esteja a lêr, aproveita igualmente as citações que se lhe deparam no pobre auctor, *citações* tantas vezes resultado de afadigadas pesquisas !... E' um horror; são duzentos proveitos n'um sacco. E' comer a viate-carrinhos; ler por um e fallar depois por cinquenta. . .

Braga applicou o systema cavillosamente á *Introduccão á historia da litteratura brasileira e aos Estudos sobre a poesia popular do Brazil*; apresenta-se fallando em nome de escriptores lá citados, que elle jamais leu, nem era possível ler. Onde, por exemplo, poderia ter encontrado Celso de Magalhães sobre poesia popular, a não ser nas citações já por mim feitas, reproduzindo, como praticou, trechos d'ellas, si

o pobre maranhense deixou apenas artigos esquecidos em pequenas folhas de uma de nossas províncias do norte? Para não alongar demasiado este *appendice*, deixo de reproduzir as oito citações por mim feitas e por Braga filadas, como si foram resultado de leituras suas directamente nos alludidos auctores.

Limito-me á primeira indicada para esclarecimento do capcioso systema.

Escrevi em 1882 na *Introdução á historia da litteratura brazileira*, tratando de Santa Rita Durão, entre outras cousas tendentes a caracterisar a indole geral do poeta, o seguinte: « Tinha tambem uma certa intuição da *poesia popular* :

A antiga tradição nunca interrompida
Em *cantigas* que o povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprehendem
E que dos pais e mãis cantando o aprendem --

Um critico moderno, um anthropologista de nossos dias não diria melhor. » (1)

(1) *Introdução á historia da litteratura brazileira* pag. 176.

Braga, que jamais leu o poema do auctor mineiro, fallando da transmissão dos cantos populares oralmente, escreve: « Santa Rita Durão, no seu poema o *Caramuru*, tambem nota um facto analogo nos indigenas do Brazil :

« A antiga tradição nunca interrupta,
Em *cantigas* que o povo repetiu,
Desde a idade infantil todos comprehendem
E que dos pais e mães cantando o *urdem* » (1)

Bem se conhece aqui o manejo,

Braga não leu talvez jamais *O Caramuru*, nem descobriu nunca entre os milhares de versos do poema aquelles que se referem á poesia popular.

A nenhum critico tinha ainda occorrido a observação, que veio-me ao espirito na leitura cuidadosa que fiz do livro para o analysar de

(1) *O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças, etc.*, 1.º vol. pag. 19.

talhadamente. Braga, sem a menor cerimonia, dá a coisa como sua ! O bocado já estava feito; elle o engolia sem engasgar-se.

E assim nos mais casos de força o homem..



INDICE

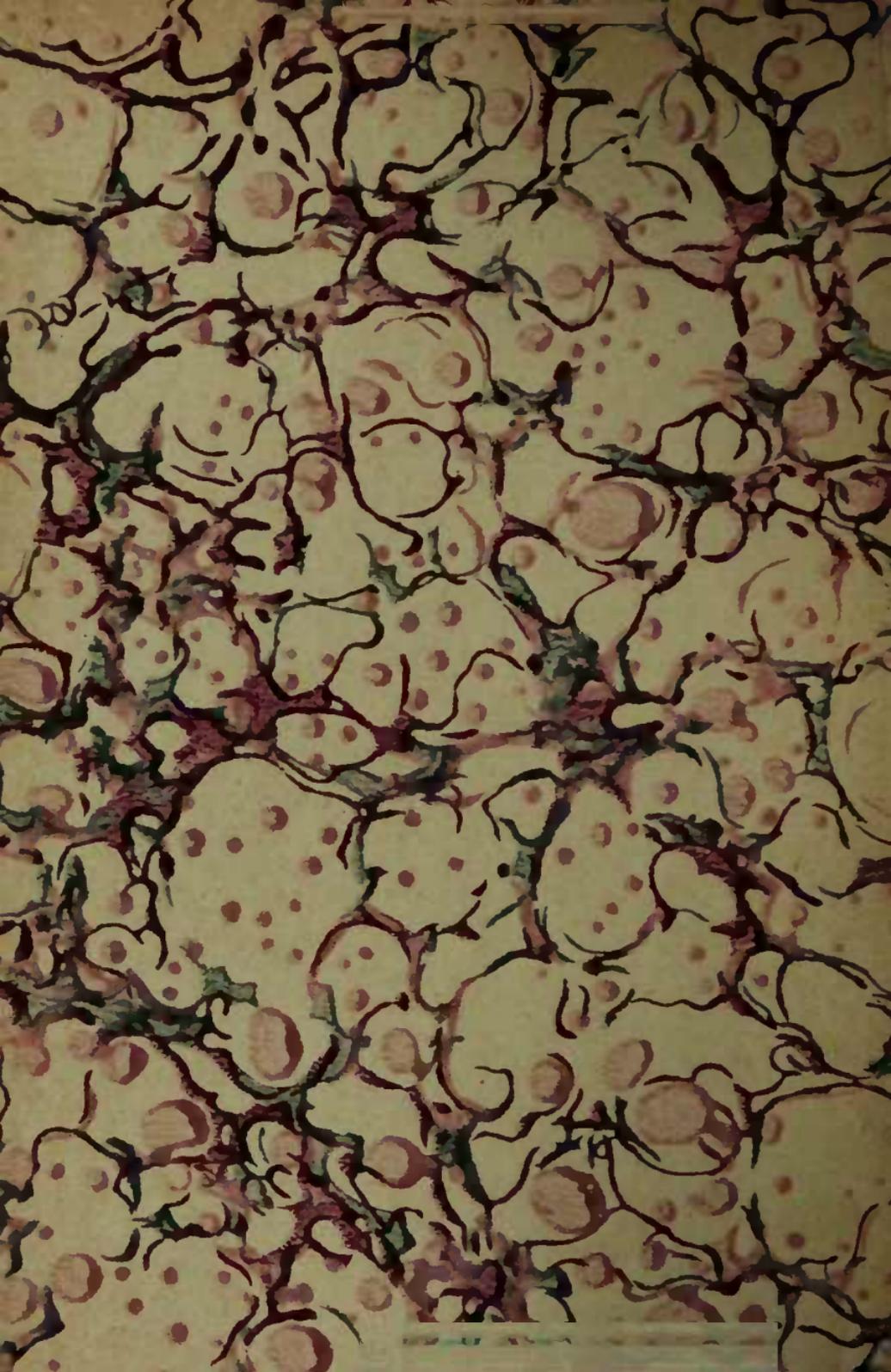
I	Os preliminares da questão	Pag. 5
II	As alterações do Sr. Braga	15
III	Os disparates nas idéas geraes sobre a civilização brasileira	37
IV	Os absurdos nas tradições de origem européa	47
V	Os absurdos nas tradições de origem Africana	70
VI	Os despropositos nas tradições de origem americana.	79
VII	Vista geral sobre a obra do Sr. Braga	121
	Appendice a pag. 141	156
	Errata	167

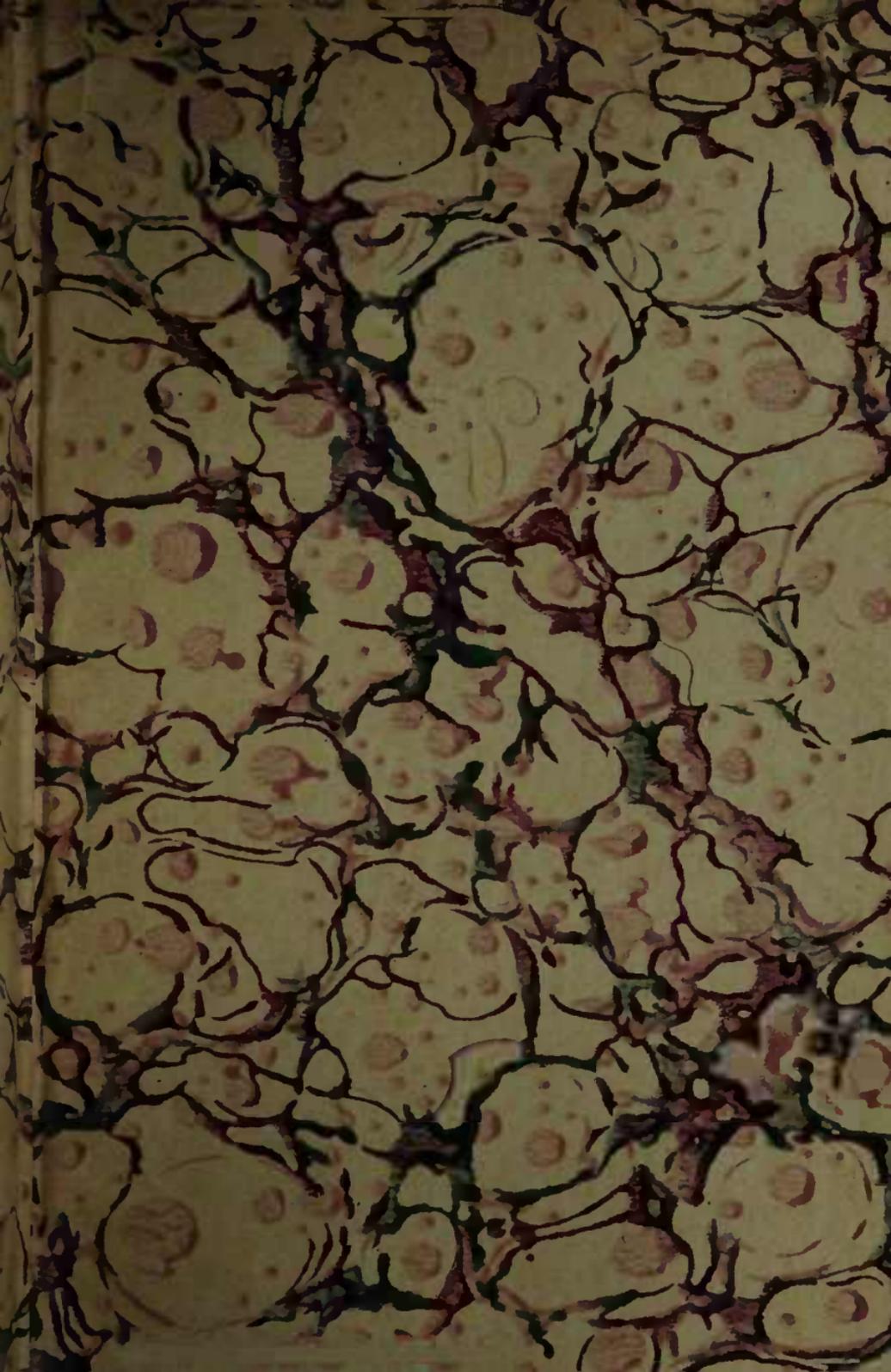
ERRATA

PAG.	LINHAS	ERROS	EMENDAS
7	19	<i>ihstoria</i>	<i>historia</i>
8	20	<i>français emandei</i>	<i>française, mandei</i>
9	10	crente como	crente, como
19	19	popuar	popular
12	8	propprios	proprios
12	16	não duvido, mas	não duvido ; mas
13	9	que não	que, não
13	14	introdução	introducção
19	2	A pag. 119	A' pag. 119
20	11	quartoze	quatorze
20	19	quartoze	quatorze
21	11	pagina o Sr.	pagina, o Sr
30	14	do Magalhães	de Magalhaes
32	14	revellar	revelar
34	15	esmodificado	es modificado
38	1	rachasse	rechace
40	10	combator	combater
45	5	erta	esta
48	10	entra homem	entra o homem
48	15	a immigração	á immigração
50	5	rudimentor	rudimentar
50	6	anologo	analogo
52	16	somos levado	somos levados
56	10	preocupado	preoccupado
57	18	que por	que, por
58	8	e a Aurora	e á Aurora
65	7	Buddoha	Buddha
70	5	pararello	parallelo
70	6	e á moderna	e a moderna
71	19	profundissima	profundissima
73	17	os fabulas	as fabulas
75	1	<i>verbi gratta</i> que	<i>verbi gratta</i> , que
76	13	predilecta, de Braga	predilecta de Braga
76	13	<i>lybicas</i>	<i>fabulas lybicas</i>
77	18	Theophilo si	Theophilo, si
80	9	<i>mo-ngolidade</i>	<i>mongolidade</i>
84	12	Nsa	Nas

PAG.	LINHA	ERROS	EMENDAS
85	4	inutil a nós	inuti!, a nós
85	15	propõem	propõem
85	5	<i>taranas</i> a,	<i>turanas</i> , a
90	11	<i>finno-hungar</i>	<i>finno-hungaroa</i>
94	8	filia ao	filia no
100	2	do velho	o velho
107	4	encontrados	encontradas
110	9	dolichocephalos	dolichocephalas
110	10	dolichocephalas	dolichocephalos
120	12	ameicanos	americanos
122	6	litterarios	literarios
124	10	precipitadamenie	precipitadamente
125	6	philosophta	philosophia
127	14	Chasnsang	Chassang
135	3	agente	a gente
160	1	calar	ocultar
160	13	bre o <i>bahiano</i>	sobre o <i>bahiano</i>







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).